

Diário de Lisboa

Número avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JCAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão
RUA LUIZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

AS OPINIÕES DO SR. BONSENSO

Protestos, emendas e projectos

—Sempre me acontece cada uma!...
—exclamou o sr. Bonsenso, cruzando os braços e meneando a cabeça como um boneco das Caldas.

—Então que foi? Saiu-lhe a sorte grande?

—Saiu-me o diabo! O que me vale é conhecê-lo suficientemente bem para me rir dos seus jogos! Ele é mariola e descontente; quando calha, por especulação e para nos tentar, troca os passos como um bailarino. As vezes, por ambição, é ingenuo. Conheço-o bem!... Nunca tivemos negócios mas fomos amigos. De resto todos nós somos tolos por ilusão ou por cálculo. Ora o mafarriço!

—Mas então que diabo lhe aconteceu?

—Sabe Você, que com as suas palavrinhas mansas, para tirar nabos do púcaro, me tem feito cair em pecados de língua? Tenho apanhado más notas, nesta época de exames; tenho apanhado para meu tabaco, nos botequins; agora apanhei moscas no ar, isto é informações erradas e, inocentemente, agarrei-o a si e aos seus leitores. E' certo que não sirvo interesses e como falo com lealdade, no geral sou mal interpretado. Pactos é que não aceito. De aí os meus lugares comuns, que, segundo disse o Aquilino Ribeiro, são «a sentença que o juri profere por unanimidade; e prova dos nove da verdade verdinha». Quer o melhor elogio em melhor boca?

—Palavra de honra que o seu discurso de hoje parece do Pinheiro Maluco, que Deus haja! De que se trata? Que informações erradas são essas?

—Eu lhe explico. O dono daqueles quadros que estiveram na Casa Velasquez, em Madrid, quadros e pessoa que eu não conhecia senão por uma notícia, procurou-me para me informar que os não tinha de lá retirado quando devia, antes do bombardeio de Moncloa, e ao contrario do que eu presumira, tinham levado sumiço. Aqui tem a causa maior da minha arreia. Paciência! Em erro até pode cair um santo. Feita a rectificação, assim em termos de desafo, passemos adiante com mais bom senso para o futuro. São casos de policia ou de politica com os quais nada temos, nem o seu jornal querê emissuir-se. O diabo tece-as!

—Bom, bom. Constato que as arrelias são de pouca monta. Diga-me qualquer coisa de novo. Que tenciona fazer no verão? Onde vai passar as suas férias?

—Os meus projectos limitam-se ao sol e á praia da Nazaré. Não tenho fantasia nem posses para mais. Como Alcobaga fica perto e como vivo de grandes paixões, vou esconder-me ali, lendo romances, durante dois meses. Isto depende dos ventos da minha volubidade. Se calhar fico mesmo em Lisboa, onde se passa lindamente o verão, ouvindo o estrondo dos foguetes e a telefonia dos vizinhos, admirando os peixes dos lagos da Avenida, chupando capilés e aguardando marés mais propicias para a necessidade dos meus espaços vitais. Apareça sempre, para o cavaco!

A Afonso Lopes Vieira

Meu amigo:

S. Pedro de Muel é um dos raros sitios da Costa de Portugal onde a natureza necessita dum poeta para se completar, exprimindo limpidamente, em linguagem humana, a variedade infinita do seu poder de criar. Tive o prazer de o conhecer no seu lar, duma hospitalidade tão luminosa como bela e de ouvir da sua boca o elogio das cousas que Deus, com mão prodiga e sublime, espalhou em roda de si, para que nova harmonia brotasse duma consonancia de silabas.

Eu andava habituado ao Lopes Vieira lisboeta — amavel, sorridente, vestido com a sobriedade elegante dum viandante que, em vinte metros de Chiado, descobre quatro mil quilometros de mundo inutil e futil.

Vê-lo em S. Pedro de Muel, de cabeça descoberta, bem iodado, com a camisa de cachemira «á pescador», em quadradinhos rutilantes, entreaberta sobre o peito, calça branca e marinheira atada á cintura por uma correia, sapatos de correr na praia, eis uma novidade para mim jornalista habituado a viver num país onde os tribus são tão pobres de invenção e inspiração que se distraem, contando aneddotas que dos avós transitam para netos e bisnetos.

S. Pedro de Muel, por si só, a-pesar-de arredada do bulicio e da febre que devora os continentes, tem o interesse vivo e bem sentido das manchas turísticas onde as casinhas são pequenas e as varandas floridas, podendo cada qual situar-se fora das «cousas que acontecem» e embrenhar-se na lenda ou na bucolica, sem risco de prejudicar nenhuma das enormes verdades que tanto preocupam os simuladores de catastrofes.

Entrar na sua casa, reservada para os lados da terra, mas aberta amplamente para o ceu e para o mar, equivale a encontrar, milagrosamente descrita num devocionario, uma vereda para o reino dos sonhos.

Quem, entre nós — portugueses mais ou menos desentendidos e alheios á gleba e ao cheiro das resinas — ama o nosso torrão, com o delicado entendimento dum Lopes Vieira que lhe aproveita os motivos decorativos, de modo a «fazer povo primitivo e bom» onde outros fazem cosmopolitismo e «ersatz»?

Ao lado, embalada no ritmo das ondas, destaca-se uma capelinha votada a Nossa Senhora de Fátima onde o sacerdote, depois de corrida uma alva cortina, celebra o Santo Sacrificio, tendo á vista o azul imenso do firmamento e a vastidão espumosa e glauca do oceano. Nada conheço feito com ingenuidade mais cristã, duma simplicidade tão tocante em que a religião das almas candidas floresce espontanea num sorriso da casta piedade.

Magistrado

O sr. conselheiro Francisco Patricio vai completar 70 anos, no dia 9 de agosto. Atinge o limite de idade, sendo, portanto, aposentado. Os juizes do Supremo e do Tribunal da Relação prestaram-lhe ha dias, em Sintra, uma homenagem que, além de lúida, foi sentida.

O sr. conselheiro Francisco Patricio é vítima duma lei que não se lembrou de que ha pessoas que nunca envelhecem. A poder de ser moço, venceu a propria velhice.

Aos 70 anos não tem rugas no rosto nem na alma. Descobriu o segredo da eterna juventude.

Culto, perfeito homem de bem, magistrado que conciliava a lei com a equidade, espirituoso, comunicativo e incapaz de trair um dever, nunca ninguém o

igualou na arte de tornar a justiça o que ela tem de ser—justa e humana.

O «Diário de Lisboa» apresenta ao illustre magistrado o testemunho da sua muito consideração, desejando que quantos vierem depois dele saibam imitá-lo e nunca desfigurá-lo.

«Duplo Centenario»

Com o titulo de «Duplo Centenario», publicaram Artur Lobo d'Avila e Saul Santos Ferreira um quadro sintetico da «Historia de Portugal». Não se engane o leitor, julgando que se trata de qualquer narração abreviada ou de destacar factos e engalaná-los com as seduções do estilo.

O «Duplo Centenario» é todo o nosso passado e, portanto, indica tambem o nosso futuro. Da sua leitura deduz-se facilmente que Portugal, sendo o que já foi, será certamente um dos grandes obreiros de amanhã.

Quem «arquitectou» a biblica concha onde a murta, a urse e as assucenas engrinaldam a Toda Pura?

O poeta cuja obra não tem um só verso que não seja lusiada e erguido ao alto, sob a viração das preces camoneanas.

Meu querido amigo, escrevo-lhe por esta via, a-fim-de modestamente lhe dizer que, depois ou antes dos seus livros, ainda ha a considerar o autor que passa cinco meses do ano em S. Pedro de Muel, não para cultivar o egoismo ou o orgulho, mas para praticar o bem, com gentileza tal que se esquece sempre de cobrar os tributos da gratidão.

Clarinha, sua-amiga de trint'anos, maravilhada com a beleza enternecidamente rustica e subtilmente cortesã, exclamou:

—Oh Lopes Vieira, o Pinhal do Rei e o Mar das Descobertas sentam-se quasi á sua mesa!

A volta que demos pelo Pinhal do Rei, com as estradas encharcadas e os ramos a pingar orvalho, não se descreve, porque para isso seria necessario ter mil braços como Briareu e em cada um deles um pincel.

Opulencia do patrimonio nacional!

Arvores seculares, pinheiros duma altura onde os ventos tocam, como numa roca que canta ou geme, conforme as horas, longuissimos eucaliptos erectos quais pára-raios, acacias dos Açores, dum verde escuro, severas na sua compostura, regatos impacientes cujas aguas se agarram aos troncos e ás pedras como lianas, dunas elevadas como colinas cujas areias as raízes aprisionam e uma multidão de fetos que formam auditorio e deliberam em voz baixa sobre o bolchevismo das espessuras... Tudo isto me foi dado admirar, sentindo que a minha Patria tirou do Pinhal do Rei madeira para o seu berço e para as suas naus.

Ao longo da costa, expostos ás coleras dantescas do temporal, lá estão os pinheiros que reagem contra a morte, prostrando-se, torcendo-se, ondulando-se, amarrando-se á terra como Prometeu ao Caucasos.

Valentes soldados obscuros e humildes que defendeis a floresta, numa tragedia sem nome, eu vos abraço com a minha fé de português!

E para Lopes Vieira, capitão duma barca imaginaria, amarrada a um rochedo que as algas rondam com infinito carinho, grande poeta do Portugal passado, presente e futuro, vai esta cartinha, mal escrita, mas filha dum sentimento que transparece, acho eu, em toda ela, como, na casca das arvores, palpita a ascensão e o amor do murmurante arvoredos.

20 de julho 1939.

Admirador,
JOAQUIM MANSO

Ultimo destino

O palacio Cadaval, em Pedrouços, adquirido com seus amplos terrenos pela Camara Municipal no ano passado—e que oportunamente será demolido—foi cedido para «atelier» de alguns artistas que estão trabalhando pintura e decoração para alguns pavilhões da Exposição do Mundo Português, em Belem.

E' esse o ultimo destino do apodrecido casarão que foi uma das residencias mais nobres e historicas arrabaldinas de Lisboa seiscentista.

Madragoa

A ultima palestra da serie ao ar livre, promovida pelos «Amigos de Lisboa», realiza-se no domingo, ás 18 horas, na rua das Trinas, defronte do antigo Convento. O assunto «Madragoa» é versado por Norberto de Araujo.

Um soldado da G. N. R. A ENTREGA DA MEDALHA LEIBNIZ

faz uma perseguição movimentada a um gatuño, acabando por prendê-lo

SALVATERRA DO EXTREMO, 19—O soldado da G. N. R. João Diogo Lopes, quando passava há dias, altas horas da noite, em frente da taberna de Manuel dos Santos Varão, viu luz dentro, o que o levou a suspeitar de que um gatuño se introduzira no estabelecimento.

A breve trecho verificou que as suas suspeitas eram fundamentadas, pois dirigindo-se a uma das portas da taberna, que estava semi-cerrada, chamou pelo filho do dono da casa e a resposta que obteve foi o ter-se apagado imediatamente a luz.

Embora se encontrasse desarmado, esperou, cauteloso, que o gatuño saísse. Este, que mais tarde se soube ser José Ferreira, casado jornalista, de 57 anos, desta localidade, saiu numa correria, armado com uma garrafa de aniz escurado que atirou á cara do soldado da G. N. R., deixando-o bastante ferido. Mas nem assim, este desistiu de perseguir o meliante, agarrando-o a certa altura. Entre os dois travou-se então uma luta renhida, em que acabou por vencer o soldado João Lopes. O gatuño, porém, não se deixou levar para o posto da G. N. R., pelo que o soldado teve que o arrastar pelas ruas, não desistindo de cumprir o seu dever custasse o que custasse. Ambos escuriam sangue quando chegaram em frente da casa onde mora outro soldado da G. N. R., que veio em auxílio do seu camarada, e os dois lá foram levando o delinquente até ao posto.

Tanto o captor como o preso tiveram de ser pensados num consultório médico, sendo o gatuño transferido mais tarde para a cadeia concelhia.

Porto de Lisboa

Vindo de Hamburgo, chegou hoje o paquete alemão «Cap Norte», com 191 passageiros em transito, a maioria dos quais alemães residentes na Alemanha e que se destinam ao Rio de Janeiro, Santos e Buenos Aires. Em Lisboa desembarcaram 22. Entre eles, o sr. Joaquim Dias Correia, consul de Portugal em Praga.

— Esta tarde entrou no Tejo o paquete italiano «Saturnia», vindo de Trieste e Nápoles. Desembarcaram 96 passageiros, entre eles os srs. dr. Francisco Quinta, deputado do Parlamento fascista; professor dr. Azevedo Neves, reitor da Universidade de Lisboa; professor alemão, dr. Georg Mehlbacher e o medico italiano dr. Lorenzo Simpa.

MORTO A PEDRADA

VILA NOVA DA CERVEIRA, 17.—Faleceu no hospital desta vila Manuel Valente, viúvo, de 40 anos, natural da freguesia de Cornes, que por ocasião da sessão cinematográfica promovida pelo S. P. N., foi alvejado com uma pedrada que lhe fracturou o crânio. Deixa oito filhos menores.

VIAJANTES

aproveitem comprar

MALAS BARATAS

NA

CASA DA RUSSIA

Tudo ao preço de custo!

Tudo quasi de graça!

142-Rua Augusta-144

Agua de Grichões

Excelente para a saúde
Muito agradável ás refeições

Precisa V. Ex.ª adquirir mobílias?
Visite os ESTABELECIMENTOS MATEUS
e confronte preços e qualidades.

Facilidades de pagamento.
156, R. de S. Lazaro, 172 — Tel. 4 0538

RETIRO DA SEVERA Telefone 25979

HOJE — Noite da Moda

José Portirio, Deonilde Gouveia, Filipe Pinto, Rosa Maria, José Tovar, Adalina Ramos, Armando e Jaime Santos. ENTRADA 2\$00.
Consumo 2\$50 — Jantares 12\$00
Sábado: — HERMINIA SILVA.

VERBENA DE SANTA CATARINA

(aos Paulistas) Tel. 2 5676

HOJE: Domingos Silva, Frutuoso França, Ilda Silva e Maria Raquel. Baile e diversões. Sábado: Programa extraordinário de Variedades.

O crime de Evora

Foi adiado para outubro o julgamento do soldado da Guarda Fiecal que matou um septuagenário

O 1.º Tribunal Militar Territorial, presidido pelo sr. Emilio Cortez, reuniu-se esta tarde para julgar o soldado do batalhão 2 da Guarda Fiscal, Adelino Nunes Ribeiro, acusado de, no dia 19 de junho do ano findo, na rua do Raimundo, em Evora, quando no exercício das suas funções—fiscalização de fosforos—ter assassinado a tiro o trabalhador Inacio José Godinho, de 70 anos, daquela cidade.

Aberta a audiência, o sr. coronel Pinheiro de Castro, promotor de justiça, requereu o adiamento, a fim-de que possam comparecer as testemunhas de Evora, para melhor esclarecimento da verdade.

O Tribunal deferiu o pedido, sendo o julgamento adiado para o dia 9 de outubro.

Navegador solitario

e amigo de licores

Foi hoje enviado ao Tribunal Marítimo Antonio Jesus Dias, que no dia 13 roubou uma embarcação na Docca do Bom Sucesso e que, depois de se ter embriagado com licores que o barco transportava se dirigiu para a Trafaria, onde foi preso.

Leiam hoje o jornal humorístico SEMPRE FIXE.

O actor Philips Holms

passa hoje em Lisboa

A bordo do «Atlantic Clipper», que ao fim da tarde deve amarar no aeroporto de Cabo Ruivo, passa hoje em Lisboa o actor cinematográfico Philips Holms, que Lisboa viu em diversos filmes americanos, tais como «Um valente», «O homem que eu matei», «Duas nações» e «Uma tragédia americana».

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Actualizado	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4 T. 10.	937\$44	—	937\$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	985\$00	984\$00	987\$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.025\$00	1.024\$00	1.026\$00
Consolidado 4 3/4 T. 10.	1.133\$00	1.130\$00	1.135\$00
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.043\$00	1.047\$00	1.051\$00
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10.	1.577\$00	1.576\$00	1.578\$00
Externas 1.ª série.....	1.631\$00	1.631\$00	1.633\$00
Externas 1.ª carimbadas	1.623\$00	—	—
Externas 3.ª série.....	1.743\$00	1.741\$00	1.742\$00
Externas 3.ª carimbadas	1.477\$00	1.477\$00	1.481\$00
Cautelas da 3.ª serie s/jj.	147\$50	147\$00	148\$00
Ações			
Esp. S.ª e Com. Lx.ª port.	—	738\$00	—
Lisboa e Açores port. ...	337\$50	—	340\$00
Ultramarino cp T. 10 ...	—	20\$00	20\$50
Portugal port. T. 5.....	985\$00	—	985\$00
Fidelidade.....	—	—	265\$00
Mundial.....	—	—	1.050\$00
Nacional.....	—	1.050\$00	1.100\$00
Sagres.....	—	145\$00	152\$00
Aguas Lisboa port.	—	—	—
Aguas Lisboa 1934 T. p. ...	—	—	—
Aguas Lisboa 1936 T. p. ...	143\$00	—	—
Cervejas Estrela.....	—	470\$00	480\$00
Cimentos Tejo.....	—	—	358\$00
Cimentos Leiria T. p. ...	—	9\$00	9\$40
Credito Predial.....	230\$00	229\$50	230\$50
Gas e Electricidade.....	—	—	—
Alto Alentejo 1.ª 1/2 em.	—	—	—
Alto Alentejo 3.ª 1/4 em.	—	—	—
Industria Alentejo.....	49\$00	98\$50	99\$50
Portugal e Colonias.....	88\$00	87\$80	88\$00
Nacional Navegação T. p. ...	151\$50	154\$00	155\$00
Coloniat. de Navegação...	—	—	—
Portuguesa de Pesca.....	—	382\$00	390\$00
Ind. Farmaceutica.....	—	—	—
Portuguesa de Tabacos...	362\$00	361\$00	362\$00
Tabacos de Portugal.....	—	271\$00	280\$00
União Electrica Portug.	—	184\$00	186\$00
Casqueal.....	239\$00	238\$50	240\$00
Agricola das Neves.....	—	14\$00	15\$00
Agricultura Colonial.....	—	108\$00	—
Açúcar de Angola.....	442\$00	441\$00	444\$00
Buzi 1.ª emiss. 5 T. p. ...	48\$00	48\$10	48\$40
Illa do Principe.....	160\$00	159\$00	160\$50
Zambezia T. 25.....	—	12\$50	13\$00
Obrigações			
Norte de Portugal 5 % T. ...	103\$50	103\$00	104\$00
C. P. 6 %.....	180\$00	180\$00	185\$00
C. P. 6 % Beira Baixa.....	182\$00	181\$00	183\$00
Aguas Lisboa 4 1/2 cp. ...	—	80\$00	82\$00
Prediais 5 % 1935.....	84\$00	84\$00	84\$50
Prediais 5 % 1937.....	81\$00	81\$00	84\$50
Prediais 6 % 1932.....	—	90\$00	91\$00
Prediais 6 % 1932 1.ª.....	—	90\$80	91\$00
Prediais 6 % 1932 2.ª.....	—	90\$80	91\$00
Prediais 6 % 1934 1.ª 3.ª.....	91\$50	91\$40	91\$70
Prediais 6 % 1934 4.ª 6.ª.....	920\$00	917\$00	920\$00
União Elect. Port. 5 % T. ...	—	106\$50	108\$50
Buzi 5 1/2 % T. p.	—	112\$00	113\$00
Buzi 6 1/2 % T. p.	—	117\$00	118\$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5182 RUA S. JULIAO, 89

CAMBÍOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres.....	110\$17,0	110\$19,0
New-York.....	23\$50,7	23\$55,5
Paris.....	\$62,2	\$62,5
Berlim.....	9\$43,1	9\$45,1
Madrid.....	2\$60,5	2\$61,1
Amsterdã.....	12\$57,8	12\$60,4
Bruxelas.....	3\$99,3	4\$00,2
Roma.....	1\$23,6	1\$23,9
Zurich.....	5\$30,1	5\$31,3
Praga.....	\$80,5	\$80,8
Rio de Janeiro.....	1\$18,9	1\$19,2
Libra ouro.....	192\$50	193\$50

Leia nas suas férias

Romances morais próprios para senhoras e meninas. Colecção Maryan

em volumes brochados com uma interessante capa a cores. Esc. 4\$00 cada. Títulos das obras: Caminhos da vida — Em volta dum testamento — Pequena rainha — Divida de honra — Casa de família — Entre Espinhos e flores — A estátua velada — O grito da consciência — Romance de uma herdeira — Pedras vivas — A pupila do Coronel — O segredo de um berço — A vila das pombas — O calvário de uma mulher — O anjo do lar — A força do destino — Batalhas de amor — Uma mulher ideal — Ilusão Perdida. Pedidos á LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73, Lisboa, que também envia o seu catálogo grátis.

Amadores Fotograficos

Para obter boas fotos não necessita de maquina de grande preço e até mesmo de grandes conhecimentos. Basta empregar pelliculas VERITAS. Com pelliculas VERITAS não tereis aborrecimentos. Vendem-se em toda a parte — grandes descontos para revendedores. Preços:

4 x 6,5 rolo 5\$30 — copia \$40
6 x 9 " 6\$00 — " \$50
6 x 11 " 7\$50 — " \$70

Pedidos á FOTO ACHILLES
Av. Almirante Reis, 1.º — (Aberta aos domingos)

UMA NOVA EDIÇÃO NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

por Cândido de Figueiredo

Da Academia de Ciencias de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudencia de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos principios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinquenta vocábulos do que a edição anterior

Do prefacio que o eminente homem de letras e ilustre Presidente da Academia de Ciencias de Lisboa — DR. JULIO DANTAS — escreveu para esta nova edição, transcrevemos o seguinte trecho:

«Uma lingua viva é um organismo em incessante transformação. Nela, a cada momento, alguma coisa nasce e alguma coisa morre. Os seus lexicos, inventários etimológicos e históricos das riquezas vocabulares, envelhecem, não apenas porque o afluxo das palavras novas é constante, e porque a evolução semântica atribui ás velhas palavras novos valores; mas ainda porque os regimes ortográficos se succedem, consequentes muitas vezes de vicissitudes da politica da lingua; e, finalmente, porque os próprios processos e a própria tecnica lexicológica se modificam sem cessar, no sentido da maior perfeição».

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26 X 19 com 2.400 páginas aproximadamente

A LIVRARIA BERTRAND, desejando facilitar a aquisição desta grande obra, resolveu fazer a sua venda em tomos de 80 páginas, a

ESCUDOS 9\$00 CADA TOMO

A' venda nas livrarias o 4.º tomo

Pelo correio à cobrança mais 1\$00 — Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

Sem rumo...

Felicidades e desventuras

Todos andam á procura da felicidade, mesmo os que são felizes, embora os infelizes, esses, coitados, só possam achar o que concorrem para a ventura dos aventureiros, nessa lotaria, á qual não bastará habilitarem-se, e até quantitativamente, visto a sorte sair-lhe sempre em branco e os prémios por sorte ao numero já marcado no destino dos felizardos...

Não falta quem ensine felicidades e o modo de as conseguir, como se a sua mecânica estivesse ao dispor de todos e bastando crer. Bem anda, o sabio quando ensina — se os seus ensinamentos tanto os dos insipientes alguma coisa valem... — que a «credulidade completa e não o septicismo constitue o estado normal dos indivíduos e, sobretudo, dos povos».

O pior é quando a descrença a todos invade e a época, como a actual, turbilhão de inquietações imperceptíveis, tomba a voz desagradavelmente e repele o mais ligeiro raciocínio. O livro, arrimo dos desvalidos do pensar, de nada, também, servirá com as máximas. Cai-se, mesmo assim, no poço, como aconteceu ao filósofo da fábula que se pensava salvo das materialidades da vida por considerar as estrelas. Aspirações, desejos: tudo variavel e incerto sob o céu, tal a nenhuma novidade no julgamento de Eclesiastes.

Ainda por cima, os compendios de moral «na maior parte inspidos» e isto porque os propagandistas como os seus autores — na frase do competente Vauvenagues — não se mostram sinceros e apenas fracos ecos uns dos outros, não ousando produzir as suas proprias sentenças e os seus secretos sentimentos.

Em guisa de desmentido, veio Bernardo Grasset editar, só de si, — e ele o afirma em a sua honestidade mental — outras formalidades:

A felicidade não é, como o prazer, um bem da Natureza: é uma criação do espirito humano. Este inventou a felicidade que a primeira, entrando na consciencia das multiplices necessidades do seu ser, imaginou que um certo estado pode enchê-las.

A opinião que cada ser forma da sua felicidade provem, sobretudo, da comparação que ele pode fazer com a dos outros. Grande numero das analogias não tem outra origem além dessa comparação.

O progresso acrescenta, sem limite, as necessidades do homem, complicando, sempre, mais, o campo das suas comparações.

A civilização cria mais necessidades do que as satisfaz.

A concluir, por isso, do acima conceituado: tanto o de maior fortuna como o mais desherdado, deve renunciar a tudo que o dinheiro procura e, ambos, reconhecerem que a felicidade não está em relação com os bens que se compram. Trabalho e respeito uns pelos outros: generosidade e humanismo. Não fazer mal a ninguém! Será a maior felicidade a dar e a receber.

* * *

Elementos para a apreciação do «espaço vital»: A França vai publicar medidas de defesa da natalidade. No Senado, pedindo-se actos, apresentaram á consideração publica estas eloquentes cifras: Em 1878 registaram-se 1.022.000 nascimentos; em 1938, havia 610.000; «deficite» de 412.000 crianças, em sessenta anos. Disse-se mais que em 1938, em Italia, nasceram mais de um milhão de crianças; na Alemanha perto dum milhão e meio e em Inglaterra 725.000.

E' bem triste, ás vezes, a chamada eloquencia das cifras para quem lê, sabendo lêr.

* * *

Continuando no campo dos dizeres: O sr. Herriot — verdadeiro homem de letras, provavelmente em belas obras, politico de envergadura, em diversos lugares e, agora, como presidente da Camara Francesa — veio dar uma definição; de elegancia espirital a merecer conhecer-se, pelo menos: «A democracia não deve ser um regime que iguale os homens por baixo, mas sim um regime que permita á criança ascender á mais alta cultura pela virtude».

E' um dizer de consolo e que permite ás idealizações ascenderem além das acabrunhadoras realidades correntes.

JOSÉ PARREIRA

SINTRA

...local aprazível
para dar um passeio
ou passar uma época

A dois passos da Vila a floresta; a uns escassos quilómetros o Oceano, a Praia das Maças, os banhos de mar...

Frequentes e rapidos comboios entre Lisboa e Sintra. Na estação do Caminho de Ferro, carros electricos para a Vila e Praia das Maças e camionetas para Estoril, Ericeira, etc.

Quinta-feira

por Norberto de Araujo

O mundo mais pequeno

Qual de nós, ao voltar a ver, ao cabo de muitas dezenas de anos, a rua onde nasceu, o Rossio onde brincou, aquelha onde floriu a sua meninice — não acha tudo isso extraordinariamente pequeno?

Aquella infundavel alameda de acacias, aquella faixa de empedrado do passeio, tão comprida — tem hoje meia duzia de passos.

Com o crescimento do homem o mundo torna-se-lhe pequeno. Reduz-se a extensão e amesquinha-se o volume das cousas.

Um dia ha-de chegar em que os nossos filhos e os nossos netos não-de-supôr que a casa onde foram criados — era do tamanho de um palacio. As escadas, o quintal, o corredor parecer-lhe-ão então — se voltarem a vê-las depois da ausencia de meia vida — cousas miniaturais de casas de bonecas.

Este fenomeno de relação subsiste desde que o mundo é mundo.

Outro fenomeno, porém, mais es-pantoso e incomparavelmente mais sério é aquele que se está verificando e engrandecendo, ciclo a ciclo, de ha menos de meio seculo para cá.

O homem reduziu o tamanho do mundo. A Terra minguava. A supressão das distancias encurtou a extensão dos meridianos. O mundo enorme succumbiu perante o homem mesquinho.

* * *

Foram os portugueses que principiaram a reduzir o mundo. O misterio era maior do que mil mundos reunidos; desvendado, ficou reduzido a um só. Rasgaram-se caminhos do mar, apressados: a segunda viagem á Índia durou menos que a primeira. O Oriente já não estava tão longe.

Mas — ah! — o mundo era ainda enorme.

A navegação a vapor ao cabo de três seculos e meio deu o primeiro lenho na grandeza da terra. O ano passado as Americas já estavam a cinco dias de viagem marítima.

E o avião já havia esfrangalhado aquele temeroso conceito de que o Brasil e a Australia, e a Russia, e a China eram tão longe, e faziam a terra tão grande — que não valia a pena ao homem considerar-se senhor dos seus dominios.

Mais que o navio e que o avião — o telegrafo ha bastantes dezenas de anos minguava as distancias.

Mas o telegrafo era ainda uma habilidade do homem, por completar. Deu-se a redução real do tempo, mas não se reduziu a distancia. O homem sabia que a terra estava toda ao seu alcance. Mas não a via na extremidade dos seus dedos.

A radiodifusão chegou enfim, e com ela a televisão. Agora sim: o homem acabou com essa lenda de que o mundo ficava no cabo do mundo.

A grandeza é dada pela noção da distancia. A relatividade triunfou; deixou de ser uma teoria inacessivel. Uma criança entende perfeitamente que o Japão — está no quarto ao lado.

E' lá possível ser verdade que a Terra «seja tão grande»? Sim; é certo que antigamente o mundo não tinha quasi limites. A gente lembra-se disso por ter lido e ouvido. Mesmo depois do Tenebroso vencido, continuou a Terra a ser fantasticamente vasta. Sim; isso succedeu antigamente, «no tempo dos avós». Pois agora, não: se eu digo que Nova York estava ontem á noite no segundo andar cá do prédio, e até dizia que hoje está lá, á mesma hora!

O sr. dr. Oliveira Salazar encontrava-se ontem no seu gabinete de trabalho, quando Lourenço Marques retiniu no aparelho telefonico. E era certo que o sr. Presidente da Republica estava ali perto: estava em Cascais.

Ficou o sr. Presidente do Conselho — e não é só ás crianças, afinal, que estas cousas sucedem — muito espantado da proximidade.

Em verdade não ignora o sr. dr. Oliveira Salazar que o mundo está cada vez mais pequeno. Mas uma cousa é a gente saber de ciencia teorica e outra é ouvir de ciencia pratica.

Sim, senhor. Se o mundo fosse tão grande, tão pavorosa e inutilmente grande, como o era no tempo do «Venturoso», que nunca teve maneira de saber que Vasco da Gama tinha chegado á Calicut senão quando ele já estava ali pertinho do Cabo de S Vicente; se o mundo tivesse, com efeito, o tamanho, aliás já reduzido, que dizem os programas de viagens das companhias de navegação; se isso fosse assim, como podia o sr. general Carmona, no seu sorriso emocionante, que não é demais adivinhar, perguntar pela saúde do chefe do seu governo, informar da recepção, e atirar o nome de Portugal, sem rotas nem fios, pelo eter fora, e chegar cá tão limpo, tão puro como de madrugada o cantico da colôvia?

O mundo está cada vez mais pequeno. Está mais pequeno que a rua onde a gente nasceu, o Rossio onde brincámos, a quelha onde floriu a nossa meninice.

No interior de Angola certa Mãe — dona que nós conhecemos — ouviu ha semanas a voz do filho numa das sessões da hora da saudade da Emissora Nacional.

A lenda de que o mundo era grande desfez-se como por encanto; as lagrimas que correram pela face daquela mãe, feliz uns instantes, anulou todo o arrazoado dos livros de geografia.

* * *

Suprimir as distancias! Encurtar o mundo!

Só a imaginação do homem não tem limites, só o seu sonho não tem despertar, só a agitação do seu cerebro não conhece o repulso.

Do mesmo tamanho, igual a sempre, ficarão apenas os dez palmos de terra onde ele se ha de deitar um dia, á sombra de um cipreste. Mas já levando o mundo na palma da mão...

NORBERTO DE ARAUJO

APRENDA A DANÇAR

Ensina-se rápido, horas á escolha. Prof. Machado e seus ajudantes. — Rua dos Fanqueiros, 286, 1.º (ao Rossio). — Telef. 22465.

FEIRA DE CARIDADE

no Parque Eduardo VII

HOJE — Noite elegante — Espectaculo gratis ao ar livre

PREÇO DE ENTRADA NA FEIRA — Esc. 2\$50

CARMENCITA AUBERT e as GIRLS JANOU em numeros de atracção
ALBANO e PEPITO em numeros excentricos e hilariantes. Carlos de Oliveira e Carlos Lourenço em fados e canções

Animador — TORRES MARQUES

TEATRO PARA TODOS — ás 22,30 h

A miscelanea em 1 acto, de maior sucesso — Alegria, mocidade e espirito,
sem pornografia nem politica

"TRUTAS E TRETAS"

Plateia a 750 e 500 e frisas 2500, com direito a entrada na feira. Bilheteira na P. Marquês de Pombal

HOTEL DAS TERMAS RADIUM

Abre a 15 de Julho

Diarias desde Esc. 30\$00

Tratamentos especificos para: Doenças do coração, lithiase renal, reumatismos chronicos, doenças do sistema nervoso, sciaticas, doenças da nutrição, hipertensão arterial, insuficiencias das glandulas de secreção interna. Desintoxicação completa do organismo — Banhos radio-activos e carbo-gasosos. Lavagens intestinais pelo aparelho STUDA CHAIR, unico em Portugal.

Informações: Soc Agua Radium, trav. Marquês Sá da Bandeira, 12 — Armazem, 12, Tel. 47941.

AUTOMOBILISTAS

Reparações de T. S. F.

AUTO - RADIOFONICA, L. DA

R. BRAAMCAMP, 62, 64

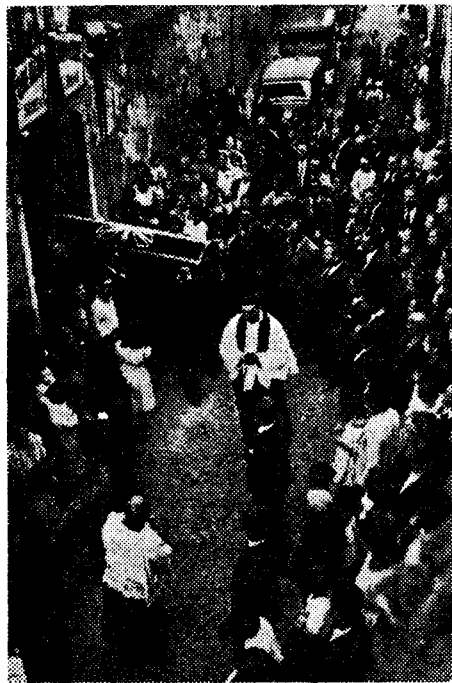
Laboratorios completos

Técnicos especializados

Preços especiais para os automobilistas

O desastre do Algueirão

Foi hoje a enterrar

o estudante
que caiu num planador

Um aspecto do funeral, á saída do Clube Atlético de Campo de Ourique

Foi hoje a enterrar o malogrado estudante, Carlos Nazaré da Silva Costa Alves, que no domingo ultimo, por erro de manobra, caiu num planador no Centro de Aviação Sem Motor do Algueirão, e que veio a falecer em consequência dos ferimentos recebidos. O funeral saiu do Clube Atlético de Campo de Ourique, onde o cadáver se encontrava desde ontem, numa sala armada em camara ardente, sendo velado durante a noite por muitas pessoas de família e colegas. Foram os alunos da classe de gymnastica infantil daquele clube, á qual o extinto pertencia, que constituíram o ultimo turno.

Pelas 10 horas, o rev. Vicente Esteves, coadjutor da freguesia dos Anjos, fez a encomendação do corpo, depois do que a urna foi retirada da essa pelos socios do clube e conduzida para um auto-funerario que a transportou ao cemiterio do Alto de S. João.

No prestito, que teve aspectos comoventes, incorporaram-se numerosos colegas do extinto na Escola Machado de Castro, no Aero Club, na Escola Bartolomeu de Gusmão e no Clube Atlético de Campo de Ourique, de cuja direcção é presidente o pai do infeliz estudante, sr. Bemvindo Cardoso. Fizeram-se representar muitas colectividades desportivas e recreativas, membros da «Legião Portuguesa», dirigentes e filiados da «Mocidade Portuguesa» e tomaram parte no funeral centenas de pessoas daquele populoso bairro.

Sobre o ataúde foram colocados lindos ramos de flores, duas palmas oferecidas pelos socios do Clube Atlético de Campo de Ourique e do Aero Club e uma corôa dos companheiros do extinto na Escola Bartolomeu de Gusmão.

Incendio que destruiu

varios edificios e armazens

ANKARA, 20.—A noite passada declarou-se um incendio nesta cidade, o qual destruiu 20 armazens e 10 grandes edificios no valor total de 20 milhões de francos.—(Havas).

Lanches para casamentos e baptizados

Quem melhor os serve, não só pela qualidade dos produtos como pela sua excelente baixela, é a Antiga Confeitaria Rosa Araújo—que serve almoços das 13 ás 15 e Chás das 17 ás 19. Rua de S. Nicolau, 44-48. (Aptofone 24701).

IMPERIUM SALÃO CHA
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T27527

A NOVA ESPANHA

Regressaram hoje á Italia

1330 oficiais e legionarios italianos
que desfilaram nas ruas de Napoles

NAPOLES, 20.—Chegou o «Sardigna», com 190 oficiais, 250 sargentos e 890 legionarios, provenientes de Espanha. Desfilaram pelas ruas antes de recolherem a quartéis, onde serão desmobilizados.—(Havas).

Uma nota da «Informazione Diplomatica»

LONDRES, 20.—A Imprensa refere-se largamente á nota publicada em Roma pela «Informazione Diplomatica» na qual se dizia que, após a visita do conde Ciano a Espanha, este país enfileirava ao lado das potencias do «eixo».

O «Times» diz a este respeito que se a Espanha deve a vitoria á ajuda daquelas potencias, justo é que o saiba reconhecer. Salienta, porém, que o general Franco, que tem uma noção exacta das coisas, sabe perfeitamente que a Espanha necessita agora de paz para se refazer. Acrescenta que a Espanha tem interesse em reatar as suas antigas relações com os países que anteriormente contribuíram para a sua grandeza.—(United Press).

Espanhois condecorados pela Italia

SAN SEBASTIAN, 20.—O Governo italiano condecorou com a comenda da Corôa de Italia o governador, o alcaide e o presidente da Deputação de San Sebastian.—(United Press).

O aniversario da revolução

PAMPLONA, 20.—Continuaram ontem as festas que comemoram o terceiro aniversario do levantamento nacionalista. Esta cidade celebrou a partida da columna de Garcia Escamez para Somosierra. De manhã, o bispo disse missa por alma dos navarreses mortos durante a guerra civil. Seguidamente, descerrou-se no casino uma lapide com o nome do general Mola. Foi, com efeito, daquele casino que o chefe do exercito do norte se dirigiu pela ultima vez, em 1937, aos navarreses, poucos dias antes do desastre de avião onde encontrou a morte.—(Havas).

Medicos fuzilados pelos vermelhos

MADRID, 20.—Oficialmente informa-se que o numero de medicos fuzilados pelos vermelhos durante a guerra se eleva a 69.—(Havas).

Monumento em Las Palmas

TENERIFE, 20.—Inaugurou-se um monumento no cais de Las Palmas, onde, em julho de 1936, o general Franco embarcou numa vedeta com destino ao aeroporto de Gando para tomar o avião para Marrocos com o fim de se pôr á frente do movimento nacionalista. O cais passará, de futuro, a ter o nome do generalissimo. O bispo benzeu a pedra, que tem a seguinte inscrição: «Este local partiu o caudilho Francisco Franco Bahamonde, em 18 de julho de 1936, ao grito, três vezes repetido, de: Fé e Disciplina. Assim

Os ingleses preparam

abrigos de aço blindados

LONDRES, 20.—Continua a fazer-se intensamente em todo o territorio britânico, a distribuição gratuita de pequenos abrigos de aço blindado.

Nas experiencias já feitas verifica-se que, se os explosivos rebentarem a uma distancia de 10 pés daqueles abrigos, estes ficam completamente inutilizados.

Os abrigos resistem desde que as bombas rebentem a uma distancia superior a 25 pés.—(United Press).

DE LUTO

D. Julia Miranda Ribeiro

Faleceu a sr.ª D. Julia Miranda Ribeiro esposa do sr. Manuel Nunes Ribeiro, mãe dos srs. José Alberto Miranda Ribeiro, comerciante, Alberto Miranda Ribeiro, motorista e Antonio Miranda Ribeiro, tipografo do quadro do nosso jornal. O funeral realiza-se amanhã, ás 16 horas, da rua das Amoreiras, 72/c., D., para o cemiterio do Lumiar.

se iniciou a cruzada que salvou a Espanha». Depois da cerimonia religiosa, os antigos combatentes desfilaram com musica á frente.—(Havas).

Prisão duma antiga miliciana

MADRID, 20.—Foi presa Margarida Perlade Berenguer, ex-miliciana vermelha, que é acusada de ter praticado numerosos assassinios.—(Havas).

Novo estadio na Corunha

CORUNHA, 20.—Iniciou-se a construção de um novo estadio, que se chamará «Estadio Franco».—(Havas).

Melhoramento do porto de Vigo

VIGO, 20.—Alfonso Peña declarou que o governo nacional vai consagrar 43 milhões de pesetas aos trabalhos do porto de pesca desta cidade e que prestará a maior atenção ao desenvolvimento daquele porto, cuja posição sobre o Atlantico é considerada de primeira importancia para o comercio e comunicações maritimas e aereas nacionais e internacionais.—(Havas).

A reconstrução de Madrid

MADRID, 20.—O alcaide de Madrid declarou á Imprensa que a Junta da Reconstrução deve reunir-se hoje para estudar o projecto de construção do bairro operario de Vallecas. Estudam-se ainda mais três ou quatro projectos de bairros economicos para a instalação de mais alguns milhares de operarios.—(Havas).

Reunião de generais em Burgos

Reunião de generais em Burgos chegou a Burgos o tenente-general Queipo de Llano, que é acompanhado dos seus ajudantes e vem assistir á reunião regulamentar de generais, que se realiza periodicamente.—(United Press).

Aviação comercial

CORUNHA, 20.—O governador civil desta cidade anunciou que o serviço aereo de passageiros e malas postais entre a Corunha e Madrid será inaugurado no dia 27 do corrente.—(United Press).

Diversas noticias

MADRID, 20.—No dia 22, no Alto de los Leones, Serra de Guadarrama, haverá diversas ceremonias comemorativas da tomada daquela posição.

—As autoridades de Salamanca distribuíram socorros ás familias de Peñaranda que mais sofreram com a explosão.

—A Valladolid chegaram 14 membros do partido «rexista» belga para estudar a organização do Auxilio Social. Tiveram uma excelente recepção.

—Falando em Saragoça com o argentino Capella, o general Moscardó disse-lhe que se propõe ir á America em outubro proximo para agradecer aos espanhoes ali residentes o auxilio que deram ao movimento nacional.—(Havas).

Um choque de electricos

Quinze passageiros feridos

LONDRES, 20.—Em Trafalgar Road chocaram dois electricos. Ficaram feridas 15 pessoas, que foram transportadas para o hospital. Como os ferimentos fôsem superficiais, regressaram pouco depois aos seus domicilios.—(Havas).

Desastres de aviação

Passageiros salvos

COPENHAGUE, 20.—A tripulação do avião alemão que caiu de noite no mar compreendia 4 homens e não cinco, como a principio se supôs. Salvaram-se todos.—(Havas).

OS RECEPTORES PREFERIDOS PARA OS APOSENTOS DE S.ª EX.ª OS SENHORES PRESIDENTE DA REPUBLICA E MINISTRO DAS COLONIAS A BORDO DO PAQUETE «COLONIAL», SAO DA FAMOSA MARCA

Supersom

RUA DA CONCEIÇÃO, 35, 1.ª

Noticias do Brasil

Sessão comemorativa
da batalha de Ourique

RIO DE JANEIRO, 20.—Deve revestir-se de grandiosidade a sessão comemorativa da batalha de Ourique que sob o alto patrocínio do embaixador de Portugal, dr. Martinho Nobre de Melo, se vai realizar no Gabinete Português de Leitura. Nessa sessão falará o general Francisco José Pinto, chefe interino do estado maior do exercito e chefe do gabinete militar da Presidencia da Republica e presidente da comissão executiva da participação do Brasil nos Centenarios de 1940.

O general Pinto escolheu para tema da sua oração: «O perfil de Afonso Henriques». Para esta solenidade foram convidadas as primeiras instituições culturais do Brasil.—(Havas).

Conferencia sobre Camões

RIO DE JANEIRO, 20.—O academico Raul Bettencourt realizou, no Liceu Literario Português, uma conferencia sobre Camões, a que presidiu o consul geral de Portugal Jordão Mauricio Henriques, e a que assistiu grande numero de individualidades do mundo das letras e circulos intelectuais cariocas. No final, o conferencista foi muito aplaudido e cumprimentado.—(Havas).

Pagamento da divida flutuante

RIO DE JANEIRO, 20.—O Presidente da Republica assinou um decreto-lei que abre ao ministério da Fazenda um credito especial de 77.000 contos para pagamento da Divida Flutuante.—(Havas).

Novo interventor do Rio de Janeiro

NICTHEROY (Rio de Janeiro), 20.—Foi nomeado interinamente para o cargo de interventor federal do Estado do Rio de Janeiro, o sr. dr. Alfredo Neves, em substituição do comandante Amaral Peixoto, que dentro de dias casa com a senhorita Alzira Vargas, filha do Presidente Getulio Vargas. Os noivos, após a boda, partirão para a Europa, em viagem de nupcias.—(United Press).

A agitação na Palestina

Recomeçaram os atentados

JERUSALEM, 20.—Depois de 15 dias de relativa tranquillidade, recommençaram hoje as violencias e os atentados. Cinco arabes foram assassinados e quatro foram gravemente feridos em varios locais perto de Telaviv.

O comando militar decretou a obrigação de recolher a casa, a horas determinadas e mandou cercar as estradas.—(United Press).

Cinco arabes mortos e oito feridos

LONDRES, 20.—De Jerusalem informou a Reuter:

O terrorismo na Palestina entrou numa fase nova e activa. Esta manhã, assinalaram-se 8 atentados em Telaviv e arredores, assim como em Rehovoth e Patathiqua. Morreram 5 arabes e ficaram feridos 8. Tendo-se inteirado de que os terroristas são judeus, a Policia proibiu toda a circulação entre aquelas três cidades.—(H.).

A historia do sabão

foi hoje feita na
à Academia das C

Sob a presidencia do sr. professor Egas Moniz, secretariado pelo sr. D. Antonio Pereira Forjaz, reuniu-se hoje a classe de ciencias da Academia das Ciencias de Lisboa.

O sr. dr. Silva Carvalho, prossequindo na apresentação dos seus apontamentos sobre a historia da quimica no nosso país, fez a cronica da industria do sabão preto e branco, desde a primeira metade do seculo XV. Enumerou os diplomas reais que encontrão concedendo a exploração directa ou indirecta das saboarias e o monopolio da fabricação, transito, venda e importação dos seus produtos a principios, fidalgos e criados dos paços e os privilegios e liberdades de que gozavam os concessionarios e os que deles recebiam aquele usufruto mediante certas rendas.

Seguiu-se a historia dos muitos que não respeitavam estes monopolios e as providencias adoptadas para castigá-los, dos protestos dos povos em côrtes, assim como as disposições

Porto pelo telefone

Os produtos tóxicos vendidos em drogarias

PORTO, 20—A secção distrital do Porto do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, numa exposição enviada a P. I. C., queixa-se do facto de algumas drogarias portuguesas estarem vendendo produtos tóxicos, fora das embalagens de origem, o que pôde provocar casos graves. Nela é citado, por exemplo, o facto de, há dias, uma drogaria da rua da Assunção ter aviado uma receita médica de clorato de potássio, num total de 60 gramas, em 2 papeis, num dos quais foi colocado exteriormente o dístico: «Sulfato de sódio». Esta substância esteve prestes a ser ingerida por uma senhora moradora na rua 1.º de Janeiro, cujo nome consta da exposição — e ela só por milagre se encontra com vida. Aquela secção do Sindicato dos Farmacêuticos pediu ás autoridades policiais o imediato encerramento das drogarias que estejam infringindo a lei, e a apreensão dos produtos tóxicos ali encontrados.

Importante sonogação de bens
Na P. I. C., foi apresentada queixa, por Antonio Alves de Oliveira, da freguesia de Moreira da Maia, contra uns seus parentes que, aproveitando-se da demência de Joaquim Alves Moreira, seu ascendente directo, sonogaram bens no valor de 200 contos, em seu prejuizo. Esta queixa foi transmitida pelo ministério da Justiça á P. I. C. do Porto — e os individuos nela indicados andam a monte.

Exposição de trabalhos escolares na Escola D. Maria Pia

Na Escola Profissional D. Maria Pia, de que é director o 1.º tenente medico sr. dr. Augusto da Fonseca, e que pode considerar-se um estabelecimento modelar, continua aberta até ao proximo domingo a exposição de trabalhos escolares que ali se inaugurou há dias e que é a demonstração eloquente do excelente aproveitamento dos alunos durante o ano lectivo findo.

A exposição tem sido muito visitada e oferece, na verdade, um interesse excepcional, pela perfeição dos objectos expostos, que revela o grau de desenvolvimento dos alunos e a maneira proficiente como lhes é ministrado o ensino.

Desastre de viação proximo da Mealhada

COIMBRA, 19. (Pelo telefone)—Esta manhã, proximo da Mealhada, um automovel guiado pelo sr. Domingos Sanches de Sousa Uva, de 36 anos, comerciante, em S. Braz de Alportel e residente em Lisboa, na rua do Alecrim, 115, foi chocar violentamente com uma camioneta. Em consequencia do desastre ficaram feridos, além do condutor, sua esposa, D. Francisca de Sousa Uva, seu filho, Domingos José Uva, de 4 anos e D. Maria Policarpo Uva.

Os feridos foram conduzidos para Coimbra e receberam tratamento no banco dos hospitais da Universidade, onde ficaram internados, a-pesar do seu estado não ser de muita gravidade.

ATROPELAMENTO MORTAL

SANTAREM, 20—Faleceu no hospital desta cidade o sr. João Nunes de Carvalho, industrial de cortumes em Gouxaria (Alcanena) que, conforme noticiámos, foi atropelado por um automovel que se pôs em fuga, na estrada de Santarem a Pernes, no passado dia 17.

O infeliz devia consorciar-se no proximo dia 29.

io preto e branco na comunicação sciencias de Lisboa

regias para evitar as devastações dos matos e florestas para obter cinza destinada á fabricacão clandestina do sabão.

Refere depois o numero de lavadeiras que havia em Lisboa no seculo XVI e a introdução das saboarias nas nossas possessões da Africa e America, a accumulacão daqueles privilegios nas mesmas pessoas e nalguns mosteiros, especialmente da corte.

Historia a expropriação feita no seculo XVIII de todas as saboarias para que revertissem á Corôa, nomeando-se administradores officiais, desta industria. Esta expropriação directa feita pelo Estado teve como resultado a elevação do preço do sabão, principalmente depois que o monopolio foi concedido a quem o anrematou para todo o país, ao mesmo tempo que aumentou a importação mais ou menos clandestina, que deu tantos lucros aos monopolistas, á custa dos consumidores. Terminou, expondo o que houve mais digno de nota a este respeito na primeira metade do seculo XIX.

A SESSÃO DO MUNICIPIO

A Camara ocupou-se hoje das obras de Alfama

e de outros assuntos de interesse citadino

Sob a presidencia do sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho, e com a assistencia de nove vereadores e dos directores dos diversos serviços municipais, realizou-se hoje a sessão publica da Camara correspondente ao mês corrente.

Problemas de transito

O sr. dr. Formosinho Sanches chamou a atencão para o engarrafamento do transito para os automoveis que sobem a calçada dos Cavaleiros e os que descem a calçada da Graça — provocado pela demora na demolição dum quarteirão que já está condenado; para o transito nos largos da Graça e da Estrela, que estão transformados em verdadeiras «estações» da Companhia Carris de Ferro; e para o transito no Cais do Sodré quando chegam comboios.

O sr. presidente explicou as razões por que o quarteirão condenado ainda não foi demolido; prometeu mandar estudar os problemas da concentração de electricos nos largos da Estrela e da Graça; e afirmou ter esperanças de que o assunto do transito no Cais do Sodré será resolvido oportunamente.

A actividade artistica e literaria

O maestro Ivo Cruz, depois de salientar que os artistas têm visto, nos ultimos anos, muito valorizada a sua actividade, e muito aumentadas as suas possibilidades de ordem material, disse:

— Os mais beneficiados têm sido os artistas plasticos, devido á extraordinaria actividade do Estado e das Camaras Municipais; as actividades literarias tambem têm sido estimuladas pelos organismos culturais; só não se tratou ainda da musica, mas espero que lá chegaremos.

Afirmou a necessidade de resolver o problema dos «ateliers» — que já está resolvido em certas cidades alemãs, inglesas, francesas e doutros países, onde os municipios obrigam os construtores de predios em determinadas zonas a fazer um «atelier» em cada um deles.

O «rarejamento» de Alfama

Felicitou o sr. presidente pela obra que vai realizar-se no bairro de Alfama, que considera importantissima tanto sob o ponto de vista higienico como citadino, e que constituirá um exemplo vivo do que foi a arquitectura passada e da actividade duma geração que, tendo a seu cargo a restauração portuguesa, num periodo de materialismo e de gravissimas preoccupações internacionais, se dedica, tão serena e admiravelmente, a coisas do espirito.

O sr. presidente lembrou que, tendo já havido «ateliers» no bairro social do Arco do Cego, eles não foram aproveitados, o que não impede que o alvitre do vereador seja tomado em consideração; e, quanto a Alfama, disse que tem lido coisas horriveis e coisas agradaveis: representações contra a projectada «destruição» do bairro, e artigos «com lisonjeiras referencias á iniciativa tomada. Esta, ao contrario do que muitos têm julgado, ou pelo menos afirmado, consiste, simplesmente, em arejar certos pontos de Alfama, fazendo desaparecer coisas muito más para valorizar as boas, em estabelecer certa circulação e em abrir panoramas, pela demolição de construções indevidamente autorizadas.

O imposto do serviço de incendios

O sr. Julio Martins pediu ao sr. presidente que dissesse qual a orientação que a Camara tenciona seguir quanto ao imposto do serviço de incendios.

O sr. presidente afirmou que a sua orientação continua a ser a mesma, e que procurará, pela criação de novos postos e por outros meios que entenda necessarios, ir ao encontro das conveniencias dos municipios, a-fim de suavizar os seus incomodos para o pagamento do referido imposto. E, depois de censurar aqueles que, convidando á falta de cumprimento das

disposições legais e á indisciplina, esquecem os seus deveres, e até os seus interesses, afirmou que resolveu não atender o requerimento da Associação dos Proprietarios para a suspensão da cobrança, a pretexto de o assunto estar entregue aos tribunais, por entender que o seu deferimento seria um pessimo precedente.

Batalhão de Sapadores Bombeiros

Foi depois submetido á aprovação o regulamento do Batalhão de Sapadores Bombeiros — primeiro dum conjunto destinado a servir de guia a toda a sua actividade.

Sobre este regulamento, que se refere apenas á constituição do batalhão, estabeleceu-se conversa amena entre os srs. engenheiro Rodrigues de Carvalho, dr. Frade Viegas da Costa e Julio Martins, acerca de certos termos militares empregados; naquele documento, que foi aprovado por unanimidade.

Recipientes para lixo

O sr. presidente, depois de historiar o que se tem passado quanto aos recipientes para lixo, apresentou uma proposta para que, dentro dum praso não inferior a três anos, seja obrigatorio, para todos os municipios, o uso de recipientes metalicos para o lixo, do modelo aprovado pela Camara, depois de concurso publico, e estabelecendo que o Municipio determinará qual a zona em que, em cada ano, será posto em vigor tal diploma.

A zona onde tais recipientes serão obrigatorios até 31 de dezembro deste ano abrange toda a Baixa, o Chiado, até á rua do Alecrim, da praça do Rio de Janeiro até ao lado oriental da avenida da Liberdade, o Parque Eduardo VII, rua Marquês da Fronteira, as avenidas novas até á avenida Berne, o bairro Camões até á rua Bernardim Ribeiro.

O sr. Julio Martins, depois de recordar que a maneira como o problema foi tratado de início não honrou a Camara Municipal, ao contrario do que acontece com a solução agora encontrada, terminou apresentando uma declaração de voto, na qual discorda da obrigação de registar os recipientes na Camara, pois as hipoteticas vantagens não compensariam os trabalhos e as despesas que esse registo originaria, e manifesta a opinião de que a Camara não deve ter intervenção no fabrico, nem conceder exclusivos para o fabrico e para a distribuição dos recipientes.

O sr. presidente esclareceu que muitos municipios estrangeiros alugam os recipientes aos municipios e que outros os numeram e os registam. Quanto ao resto da declaração de voto, afirmou que a oportunidade para ela surgirá quando se tratar da segunda fase da execução da postura, no ano proximo.

A proposta foi aprovada, bem como outra para a ida ao estrangeiro, de dois funcionarios superiores da Camara, para recolha de elementos para a continuação dos estudos destinados á elaboração do plano geral da urbanização da cidade.

A gerencia de 1938

Para terminar, o sr. presidente apresentou o relatório da gerencia municipal respeitante a 1938, explicando as causas do atraso dessa apresentação. Trata-se dum longo e interessante documento, no qual se descrevem o estado de desorganização e a insuficiencia dos serviços existentes em 1937, bem como as numerosas e importantes medidas para os organizar e lhes dar a necessaria eficiencia, num momento em que tantas obras se estão a realizar por motivo do duplo centenário.

Diversos vereadores referiram-se com elogio ao relatório e o sr. presidente propôs, no final, uma saudação ao eng. Duarte Pacheco, presidente efectivo da Camara e actual ministro das Obras Publicas, saudação que foi aprovada por aclamação.

Uma exposição rara

Gloxinias

dos viveiros municipais no jardim da Estrela



O presidente da Camara Municipal inaugurando a exposição na estufa do Jardim da Estrela

Uma exposição lindissima de gloxinias, planta multicolor de estufa, de perfume farto, foi hoje inaugurada na estufa maior do Jardim da Estrela.

As duas amplas dependencias da estufa onde se encontram 2.500 exemplares de gloxinias, verdes, amarelas, vermelhas, róxas, numa infinidade de cores e combinações, um conjunto que domina e quasi atordoa pela beleza e pelo odor, foram esta tarde demoradamente percorridas, em passeio de encantamento, pelos srs. engenheiro Rodrigues de Carvalho, presidente da Camara Municipal, dr. Formosinho Sanches e engenheiro Boaventura de Almeida Belo, vereadores, engenheiro Jorge de Amorim, chefe da repartição dos Jardins, a quem a cidade deve uma bela obra, ainda que obscura, dr. Tomás Ribeiro Colaço e outras entidades.

E' a segunda vez que uma exposição de tão mimosas flores se realiza em Lisboa. Antigamente, os exemplares espalhavam-se por diversos recantos ajardinados da capital. Agora encontra-se tudo junto. Uma mancha de cor que encanta e deslumbra. Operarios humildes, mas especializados, tratam dessas flores com um carinho e uma dedicacão exemplares.

A exposição que hoje foi inaugurada vai encontrar-se aberta ao publico, gratuitamente, durante mês e meio, ou seja o periodo de duração das gloxinias.

A espionagem em França

Estão iminentes novas prisões

PARIS, 20—Corre com insistencia o boato de que está imminente a prisão de diversas personalidades altamente cotadas, por suspeita de estarem implicadas na vasta rede de espionagem que recentemente se descobriu na capital francesa.

As declarações dos individuos que se encontram presos permitiram já descobrir uma importante pista.—(U. P.).

O valor dos serviços franceses de contra-espionagem

NOVA YORK, 20—O secretario do Interior, Ickes, referindo-se á vasta rede de espionagem que se descobriu em Paris, disse: «Considero os serviços de contra-espionagem franceses os mais bem organizados e mais efficientes de todo o mundo. Nos Estados Unidos temos ainda muito que aprender com os franceses. Os casos de espionagem nazi registados nos países democraticos tornaram-se tão graves e complicados que sómente a estreita colaboração dos serviços de contra-espionagem da França, Grã-Bretanha e dos Estados Unidos poderá proteger-nos, das centenas de espies nazis que a Alemanha lançou na Europa e na America».—(United Press).

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Opiniões da Imprensa

Sobre a lei da neutralidade

O «Journal» nota:

«A evolução da política americana é determinada por considerações internas e divergências de métodos, mais do que por oposição de princípio. Todos os americanos estão bem convicidos de que em caso de guerra, a América deveria apoiar as vítimas da agressão».

A «Republique» entende:

«Na hora crítica todos os americanos apoiarão Roosevelt; os próprios russos não se farão rogar».

A «Epoque» diz:

«Roosevelt não perdeu a esperança de ganhar a partida e por isso vai fazer uma larga campanha no país».

O «Nouvelles Chronique» publica:

«Se estalar a guerra, a questão da neutralidade pode voltar à discussão rapidamente».

O «Lokal Anzeiger» escreve:

«E' a mais sensível derrota que Roosevelt jamais sofreu. Roosevelt perdeu provisoriamente a partida no Congresso. E' de prever porém que se sirva da questão na próxima campanha eleitoral, para defender a tese seguinte: «Sobre a Europa e o mundo impende o perigo de guerra. Mas poderá impedir-se esta, se o povo americano me der, a mim Roosevelt, no terreno de política externa, plenos poderes para entregar material de guerra à Inglaterra e à França».

Se a guerra não estalar Roosevelt poderá então gabar-se de que foi ele quem impediu a guerra. Por estas intenções se vê qual o jogo que se fez na luta em volta da neutralidade».

Sobre as negociações com Moscovo

O «Excelsior» afirma:

«Paris e Londres não desistem e Molotov não parece inclinado a interromper as negociações por causa das férias».

O «Petit Parisien» informa:

«Os problemas internacionais muitas vezes resolvem-se exactamente no momento em que atingem o ponto crítico».

Sobre as relações anglo-polacas

O «Daily Telegraph» esclarece:

«Ha ainda negociações sobre dois pontos: 1) sobre um crédito de exportação inglês à Polónia para encomendas de armamento até oito milhões de libras. 2) sobre créditos anglo-franceses de oito milhões e meio de libras, de que a Inglaterra tomaria a sua conta cinco milhões. Os polacos desejam receber este crédito em ouro e não em moeda francesa e inglesa».

Sobre a politica de cerco

A «Gazetta del Popolo» refere:

«Nem se avança nem se recua. A esperança das demo-plutocracias de reforçar a sua politica de cerco diminuiu. Fizem a corte à Yugo-Eslavia, mas seria ofender a Yugo-Eslavia julgar que ela se deixaria arrastar pelos franceses e pelos ingleses. Os franceses e os ingleses não gastarão certamente tantos milhões de libras esterlinas e não enviarão tantas missões militares para defender os interesses yugo-eslavos, polacos ou romenos. Não se pode imaginar que a Yugo-Eslavia se interesse muito em defender os interesses da Inglaterra e da França».

DE LUTO

Coronel Lucio Carolino Melo Leite da Gama Lobo (Veios)

Na sua residência, rua D. Estefania, 17, r/c., faleceu hoje o sr. coronel Lucio Carolino Melo Leite da Gama Lobo (Veios). O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da morada acima para o cemiterio dos Prazeres, a cargo da agencia Salgado.

VAI PARA FÓRA?



Aproveite os descontos de 10 % e 20 % em todos os artigos por motivo de balanço. Malas, (chapeleiras), lanchetas e outros artigos. Malinhas (formato caixa) para viagem ao preço de 740.

A Nacional

R. da Palma, 34, 1.º andar

Telef. 27928

LISBOA

Atenção: — Não confundir esta casa com outras do mesmo artigo e na mesma rua. N. B. — E' no 1.º andar, em frente à Casa Alemã.

Julgamento importante

que deu lugar a cenas patéticas

MERTOLA, 18. — Realizou-se ontem e hoje, no tribunal judicial desta comarca, o julgamento dos srs. dr. Pedro Alexandre Palma, conservador do Registo Civil deste concelho, João Moraes Camacho, abastado proprietário, Antonio Gomes Nunes, Bartolomeu Francisco Afonso e Acacio Martins, todos acusados de terem falsificado um escrito particular, no qual Antonio Sebastião Gonçalves autorizava o arguido Acacio Martins a representá-lo na assembleia geral do Sindicato Agrícola desta vila, que se realizou no dia 28 de dezembro do ano findo.

A audiência de discussão e julgamento foi presidida pelo juiz desta comarca sr. dr. Antonio Caetano Figueira, estando a acusação a cargo do agente do Ministerio Publico, sr. dr. Abel Adalberto de Azevedo.

A defesa dos cinco arguidos estava entregue aos advogados de Lisboa drs. José Varela e Freitas Cruz.

Foram ouvidas mais de trinta testemunhas. O julgamento prolongou-se do primeiro dia até às duas horas do dia seguinte. A sala do tribunal estava completamente cheia, vindo-se nela pessoas de todas as categorias sociais e de todos os pontos do concelho.

As alegações orais foram feitas hoje, sendo a seguir interrompida a audiência, que mais tarde recommçou, para ser feita a leitura da sentença, que absolveu todos os arguidos do crime de que eram acusados. A seguir ao encerramento da audiência, uma grande multidão entrou dentro da teia para abraçar os arguidos, dando-se nessa altura cenas comoventes, pois tanto choravam as pessoas que acabavam de ser absolvidas, como os amigos e pessoas de família que os foram cumprimentar e abraçar. A saída do tribunal, também estes foram recebidos por uma entusiástica manifestação de simpatia, manifestação que o dr. Pedro Palma comovidamente agradeceu.

VIAGEM DE ESTUDO

O consulado geral da Grecia em Lisboa e o sr. dr. Afonso Valdez, por incumbência do subsecretariado do Estado para a Imprensa e Turismo de Atenas, estão a organizar uma viagem de estudo á Grecia, Italia e portos do Mediterraneo Occidental, que se realiza de 1 a 21 de setembro proximo.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 21. — Santo Praxedes.

Lausperene, sai da igreja de S. Domingos para a de Santa Maria Madalena.

S. Domingos, ás 11, festa ao Corpo de Deus, por instrumental.

Madalena, ás 11, missa da exposição do Santissimo; ás 18, devoção ao Santissimo.

Graca, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos e exposição da imagem nas igrejas do costume.

Exames de Direito e de Letras

Para o exame de latim dos alunos de Direito, de Letras e do 6.º ano dos liceus está, á venda, um excelente **Vocabulário de toda a Guerra Gaulesa**, com muitas frases idiomáticas e imensas regras gramaticais de cada vocabulo. Trabalho original do Prof. Nicolau Firmino; prefácio fac-similado do Sr. Doutor Rebelo Gonçalves, Lente da Faculdade de Letras de Lisboa. Dispensa os bons dicionarios.

1 vol. broch. 7\$50; encadernado 10\$00.

Pedidos a todas as livrarias e á Editora

Livraria Avelar Machado — LISBOA

Bôlbo Capilar

Restitue cabelos aos calvos, suspende a queda do cabelo, cura radical da caspa. E' ao mesmo tempo um requintado produto de tocador, perfume inebriante e persistente, dá brilho e fixa, dispensa brilhantismos aos que pintam o cabelo. Anula o efeito nocivo do nitrato de prata, aplicado após a pintura, tornando o cabelo sedoso e brilhante. Frasco, embalagem de luxo e 250 gr., para mais dum mês, 17\$50.

A' venda na Farmacia Estacio, 61, Rossio, 62, na Casa Silva Fries, rua 1.ª de Dezembro, 130, e nas boas farmacias e em todas as drogarias da Balsa.

PROVAS: Estão expostas algumas fotografias na mostra da Drogaria Silva & Neves, rua da Prata, 229-231, de pessoas curadas com o **BOLBO CAPILAR** de enormes e horribes calvas. Distribuidor geral para Portugal e colonias: M. A. Torres, Avenida Rovisco Pais, 14-A, Lisboa, telef. 46526 — manda a cobrança com todas as despesas incluídas para qualquer terra do país por 2\$50 — cada frasco.

8 barbas por \$50

com a Lâmina

«WERNER»

A mais economica de todas.

Em venda:

VIUVA THIAGO DA SILVA — 84, Rossio, 95

e nas outras boas casas do ramo.

Aeronautica

Missão aos Estados Unidos

No «Saturnia», seguiram ontem para os Estados Unidos os srs. capitães Costa Macedo e Edgar Cardoso e tenente Ribeiro Ferreira, pertencentes ás bases de Sintra, Ota e Tancos, que constituem a Missão da nossa Aeronautica Militar que vai áquele país presidir á recepção de três aparelhos «Linck-Trainor», destinados ás nossas três bases. Aqueles aparelhos, fixos ao terreno, destinam-se a ministrar instrução de voo sem visibilidade.

Aviação Naval

Já se encontram em Lisboa, todos os aviões «Avro» de treino, destinados á nossa Aeronautica Naval. Regressaram tambem ao nosso país os srs. 1.º tenente Ferreira da Silva e engenheiro Ferreira de Oliveira que na Inglaterra, presidiram á sua recepção.

O progresso da Aviação Colonial

Na Nova Lisboa, foram brevetados mais onze alunos da Escola de Pilotagem local, entre os quais, a sr.ª D. Maria José Rebelo da Silva. Os restantes aviadores são os srs. engenheiro Luiz Rebelo da Silva, José Ferreira Junior João Figueiredo da Cunha e Silva, dr. Miguel Nepomuceno, Carlos de Ataíde Fonseca, Francisco Antonio de Oliveira Correia, Julio Gomes, Anibal Coelho, Venancio Guimaraes Sobrinho e Gaspar da Cunha Lima.

O juri foi constituído pelos srs. capitão Pereira de Barros, piloto-aviador Telo Pacheco e Albuquerque Bossa, instrutor da Escola.

— Em Angola foi inaugurado pelo aviador civil sr. engenheiro Vasco Monteiro, o campo da Vila da Ganda.

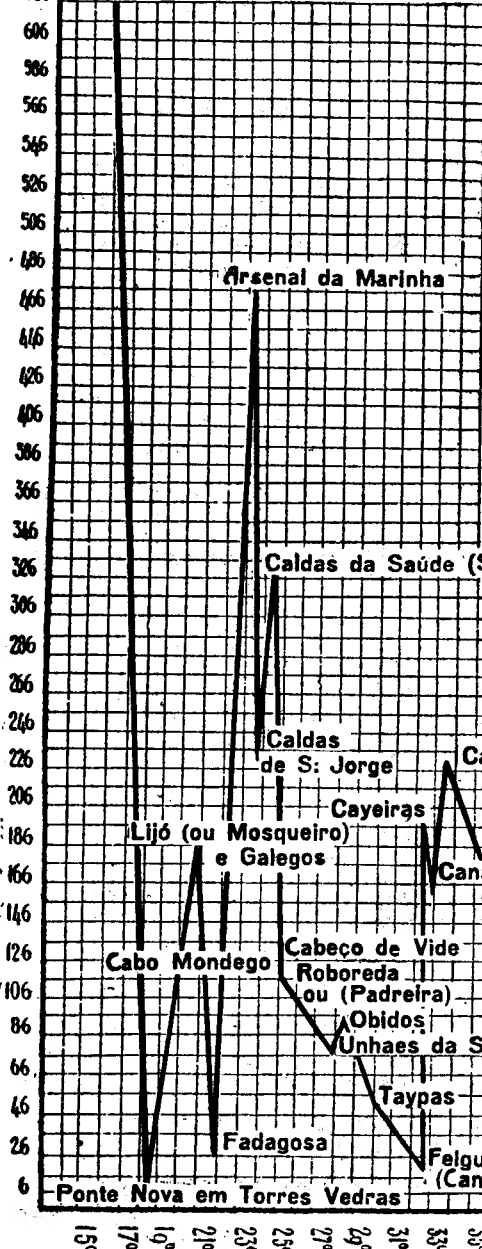
A viagem do «Atlantic Clipper»

PORTO WASHINGTON, 20.—O «Atlantic Clipper» largou ontem á tarde com 18 passageiros para Marselha com paragem na Horta e em Lisboa.—(Havas).

PRESO TRANSFERIDO

BARCELOS, 19. — Foi transferido para a cadeia do Porto, por medida de segurança, Manuel Paula, que é acusado de envenenar sua esposa, D. Abigail da Silva Paula, em 24 de abril deste ano.

Aguas d'Entre-os-Rios (Torre)



AS AGUAS DE ENTRE-OS-RIOS

são somente as que brotam no lugar da Torre

Este gráfico — elaborado pelo dr. Ferreira da Silva, químico eminente, de fama mundial, e que foi um dos mais ilustres professores da Universidade do Porto — prova que as **AGUAS DE ENTRE-OS-RIOS** são as mais sulfurosas do País. Além da sua forte sulfuração, as **AGUAS DE ENTRE-OS-RIOS** são de elevada alcalinidade. São águas frias, hiposalinas, fortemente sulfurosas, carbonatadas, alcalinas, cloradas e as mais rádio-activas entre as congêneres em Portugal, segundo o considerado professor da Universidade de Lisboa, dr. Pereira Fortes.

As mais indicadas nas bronquites e doenças do aparelho respiratório. São soberanas no tratamento da asma. Dão ótimos resultados na hipertensão arterial, quer em banhos gazosos, quer em banhos de espuma, a forma mais moderna do tratamento na hipertensão. Muito úteis nas flebites, conforme o atestou o ilustre professor D. Tomaz de Melo Breyner.

A estância abriu em 1 de Julho

Pedidos ao **GRANDE HOTEL—Torre (Entre-os-Rios)**

Diárias desde Esc. 25\$00

GRAPHICO INDICANDO A SULFURAÇÃO DE DIVERSAS AGUAS DE PORTUGAL EXPRESSA EM SULFURETO DE SODIO Na₂S



O material de guerra

vendido pelos Estados Unidos

NOVA YORK, 20. — O presidente da Câmara de Comércio da Aeronáutica publicou um relatório do qual ressalta que, em 1938, a Itália e a Alemanha exportaram mais aviões e material de aviação e material de aviação do que os Estados Unidos, quanto a certo número de países. Esses países importadores foram: Chile, Peru, Paraguai, Uruguai, Equador, Salvador, Suécia, Suíça, Bulgária, Checo-Eslováquia, Jugo-Eslávia, Bélgica, Dinamarca, Portugal, Grécia, Espanha e Hungria.

No mesmo ano, os Estados Unidos exportaram 68.209.050 dólares, a Alemanha 27.183.501, a Grã-Bretanha 26.501.340, a Itália 8.821.493 e a França 3.752.208.

Afora os Estados citados, os Estados Unidos conservaram a supremacia de vendas, embora a Alemanha tivesse também melhorado a sua posição vendendo no Brasil e na Argentina.

As exportações de armas e munições dos Estados Unidos foram de 8.160.661 dólares no mês de junho, sendo a primeira cliente a Inglaterra na importância de 3.589.013, seguida da França com 2.548.962. As licenças de exportação concedidas em junho são num total de 17.301.620, sendo a primeira beneficiária a França com 15.246.310 dólares principalmente para peças soltas de aviação. A França recebeu, nos primeiros meses de 1939, licenças no valor de 36.242.250 dólares, mas só em material de guerra foram expedidos 9.187.557 dólares. — (Havas).

O problema de alimentação

no Terceiro Reich

BERLIM, 20. — As autoridades alemãs ordenaram que os menus dos hotéis, restaurantes, pensões e casas de comidas sejam reduzidos, a fim de combater a falta de generos alimentícios.

Um verdadeiro exercito de fiscais percorre os estabelecimentos, a fim de verificar se as ordens dadas pelas autoridades estão a ser rigorosamente cumpridas.

Os proprietários que não acatarem as referidas ordens, serão multados.

Nos menus, apenas figura um ou dois pratos de carne, esperando desta forma as autoridades alemãs reduzir o consumo da carne. — (United Press).

Sem compromisso de compra

A Casa Inglesa não pede, exige o favor da vossa visita na defesa do vosso próprio interesse

Temos em «stock» já confeccionados um soberbo e colossal sortido de Sobretudo (genero de gabardine)

Gabardines

Fatos feitos (genero sport).

Calças feitas

e executam-se também por medida com a vossa garantia. Não ficando bem ficará de nossa conta.

PALM BEACH

NOVIDADE — Tecido de lã e seda, absolutamente leve, correcto e distinto para fatos.

FATOS DE LINHO

Tudo fabrica. Tudo vende directamente ao consumidor.

CASA INGLESA

Rua Santa Justa, 95, 1.º (Esquina da Rua do Ouro) — Telefone 2 1758 No Porto:

Rua Santa Catarina, 84 (Esquina da Rua Passos Manuel) — Tel. 6645

FRIGORIFICOS

HYDRO COLD

Com um motor de 1/8 de cavalo O mais reduzido consumo de corrente

Esc. 3.950\$00

OLAVO CRUZ, LD.ª

Av. da Liberdade, 11 e 11-A

ESTRANGEIRO

PIZERAM-SE EXPERIENCIAS

com o transatlântico «Pasteur»

SAINT NAZAIRE, 20. — O novo paquete de luxo «Pasteur», destinado à carreira da America do Sul, saiu para o mar. As experiencias decorreram em condições perfeitas. — (Havas).

O PRINCEPE PAULO RECEBEU

as insignias da Jarreteira

LONDRES, 20. — O rei Jorge VI entregou ao principe regente Paulo, da Yugo-Eslávia, que se encontra em Londres, as insignias de cavaleiro da Ordem da Jarreteira. — (D. N. B.).

Novilheiro ferido

numa corrida em Saragoça

SARAGOÇA, 20. — Na novilhada que se realizou nesta cidade, ficou gravemente ferido o novilheiro Lazaro Obon. O seu estado é grave. — (Havas).

UM INCIDENTE DE FRONTEIRAS

entre o Peru e o Equador

QUITO, 20. — A Chancelaria refuta o comunicado peruano que afirma que o incidente da fronteira foi provocado por soldados equatorianos. Declara que foram os peruanos que atacaram e que o incidente se deu em Aguas Verdes, que se encontra em territorio do Equador. De resto, o incidente não provocou mortes. — (Havas).

Seis bairros destruidos

na catastrophe de Puebla

MEXICO, 20. — Está apurado que a cheia do rio S. Francisco destruiu completamente seis bairros de Puebla. O numero de mortos é superior a cem. Os prejuizos materias são incalculáveis. As autoridades organizam os socorros. — (Havas).

A visita dos jornalistas portugueses

à capital inglesa

LONDRES, 20. — O «Daily Telegraph» observa esta manhã: «As divergencias entre a aparência e a personalidade de Antonio Ferro e a ideia que o publico faz de um director totalitario dos serviços de propaganda. constituem nova indicação de que o dr. Oliveira Salazar não é como os outros ditadores. Antonio Ferro é bastante corpulento, tem um sorriso agradável e é extremamente cordial. Se bem que fale inglês, pronunciou em francês o seu discurso no almoço ontem oferecido aos jornalistas portugueses pelo «British Council» porque — disse — «quando se esforça por falar inglês em publico... a queda é inevitável».

Independentemente da sua posição official — que lhe concede as honras de sub-secretario de Estado e o coloca sob a direcção immediata de Salazar — Antonio Ferro figura entre os primeiros escritores portugueses. Viajou muito — conclue o «Daily Telegraph» — e utilizou aquela oportunidade para tornar-se o «Paul Morand, de Portugal». — (Havas).

A Alemanha perde

o seu melhor mercado de automoveis

CIDADE DO CABO, 20. — O Parlamento da União Sul-Africana deve aprovar brevemente uma lei que aumentará consideravelmente os impostos aduaneiros sobre todos os automoveis ligeiros importados da Alemanha, os quais até agora gozavam de tarifas excepcionais de protecção.

A nova lei destina-se a proteger a importação dos automoveis fabricados na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

Com a promulgação da nova lei a Alemanha perde na Africa do Sul o seu melhor mercado para automoveis ligeiros. — (United Press).

A Italia tem

44 milhões de habitantes

ROMA, 20. — O censo da população feito em 30 de junho ultimo indica que o numero de habitantes do reino de Italia, incluindo as quatro provincias libicas, é de 44.521.000. — (United Press).

SPARKLET SYPHON

PRODUZ as mais puras e frescas águas gasosas —

e com a adição de Sparkloids, muitas outras águas minerais e medicinais, por uma fracção do seu custo habitual. Leva só um minuto a encher e pode ser cheio inúmeras vezes. Economiza espaço e assegura um fornecimento infidável. Uma carga Sparklet chega para fazer um Sifão grande e uma dúzia de cargas não ocupa mais espaço que um baralho de cartas

Há agora Sparklets para todos os gostos

MODELOS
STANDARD
MODELOS
PRATEADOS
MODELOS
AERODINAMICOS



A VENDA NAS FARMACIAS E BONS ESTABELECIMENTOS

Pedir folhetos descritivos aos agentes exclusivos:

JAYME ALVES BARATA, LDA.

Rua Aurea, 124, 1.º — LISBOA

SPARKLETS, LTD. THAMES HOUSE, LONDON S. W. 1

Comprando 1 TUBO GRANDE DE PASTA DENTIFRICA COURAÇA QUE CONTÉM A QUANTIDADE EXACTA DE 2 TUBOS PEQUENOS

4 ESCUDOS

OBTEREIS 20% DE ECONOMIA!

2x50 2x50 5x60

PERFUMARIAS COURAÇA - LISBOA

Frigorificos «Electrolux»

A PETROLEO

A PARTIR DE ESC. 2.600\$00

Avenida da Liberdade, 141 — LISBOA

Peça o nosso catálogo

MOBILIAS MODERNAS PAPEIS E ETAMINES

Não comprem sem verem os nossos preços MIGUEL DOS SANTOS, LTD.

102 — RUA NOVA DO ALMADA — 104 Telef. 2 5601

O MOMENTO INTERNACIONAL

Em Dantzig foi morto um funcionario polaco

O Senado apresentou desculpas ao Comissario da Polonia

O adido militar polaco em Dantzig esteve preso durante 3 horas

VARSOVIA, 20.—O comissario genal da Polonia em Dantzig entregou ontem a noite, ao Senado da Cidade Livre, uma carta de protesto contra os tratos infligidos pela Policia ao coronel Sobocinski, adido militar da missão polaca em Dantzig. O general e sua mulher tinham saído numa canoa automovel para darem um passeio ao longo da costa. A dada altura encontraram o barco da Policia que os mandou parar e lhes pediu os documentos, fazendo-os prisioneiros durante 7 horas. Finalmente o coronel e a esposa puderam regressar, mas na volta foram mais uma vez detidos e novamente sujeitos a um interrogatorio.—(Havas).

Prisão dum funcionario polaco

DANTZIG, 20.—A Policia dantzigota prendeu um bofetinado polaco. Desconhecem-se os motivos da prisão.—(Havas).

Incidente com um diplomata

VARSOVIA, 20.—Em consequência do incidente que se deu em Dantzig com Ruy Barbosa, primeiro secretario da legação do Brasil na Polonia, e com o consul do Brasil em Gdynia—que foram detidos pela Policia dantzigota—o governo polaco apresentou um protesto junto do Senado de Dantzig.—(Havas).

Continuam as prisões na Cidade Livre

DANTZIG, 20.—Os agentes da Gestapo durante a noite passada e a madrugada de hoje prenderam trinta e nove pessoas, em consequência de se terem manifestado abertamente contra o regime nazi e contra a politica seguida por Hitler.—(United Press).

Em Tannenberg houve uma parada dos aspirantes militares alemães

BERLIM, 20.—Esta manhã houve uma parada dos aspirantes das escolas militares alemãs em frente do monumento do marechal Hindenburg, em Tannenberg. O chefe do Exército, von Brauchitsch, discursou, declarando: «Vir a Tannenberg significa hoje compreender a historia. Neste momento e neste lugar não parece ser bastante falar das qualidades guerreiras de Hindenburg e Ludendorff. Esta terra é uma velha terra historica e, quero-o sublinhar bem, uma velha terra alemã. A Prussia, terra alemã, eis a palavra de ordem indicada para uma viagem a Tannenberg das escolas militares de 1939. Mas é também uma resposta áqueles que querem estabelecer pretensos direitos quanto a este solo, ligado por uma tradição milenaria á natureza alemã e á historia alemã. Não procuramos o combate, mas menos ainda lhe fugimos».

O general traçou em seguida um quadro da Prussia Oriental, dos seus homens e dos seus soldados e pôs, sobretudo, em foco as qualidades de Hindenburg e Ludendorff. «Na minha qualidade de chefe—concluiu ele—dou-vos essas qualidades como exemplo, pois apareceram nos campos de batalha, numa admirável união entre os chefes e a tropa. Essa união mostrava-lhe o Fuehrer como digna de ser imitada, tanto na paz como na guerra. Por cima destes tumultos e destas cruzes, testemunhos dos seculos em que este solo foi sempre reivindicado como terra germanica, o nosso caminho prossegue no sentido da honra e grandeza da nossa patria».—(Havas).

O general Ironside em Varsovia

VARSOVIA, 20.—Nas conversações entre o general Ironside e o marechal Smigly-Rydz, este concordou inteiramente com um vasto plano que o inspector das forças británicas do Ultramar lhe apresentou. O plano indica a acção que as forças militares polacas devem desenvolver no caso de se registar um golpe de força em Dantzig ou de um ataque á Polonia, por parte do Reich.

O general Ironside, acompanhado pelo marechal Smigly-Rydz e por ou-

DANTZIG, 20.—Um polaco foi morto numa desordem com um empregado aduaneiro dantzigota. A agencia officiosa alemã D. N. B. publicou o seguinte comunicado:

«Um empregado aduaneiro dantzigota foi hoje atacado, perto da fronteira, em Postelau, por um funcionario polaco. O empregado aduaneiro viu-se obrigado a fazer uso das armas que trazia e matou o polaco, iniciou-se um inquerito».

A mesma agencia dá mais os seguintes pormenores: O empregado aduaneiro estava em serviço de patrulha quando se encontrou com o funcionario polaco que, do territorio polaco lhe apontou a sua arma sem aviso. Em vista d'isto, o empregado aduaneiro recorreu ás armas, em estado de legitima defesa. Depois de fazer fogo aproximou-se imediatamente do funcionario polaco que parecia ferido a fim de o socorrer. Neste momento aproximaram-se dois outros funcionarios polacos e o empregado retirou-se para evitar novo incidente. Foi dar conta do que se passara aos seus chefes.—(Havas).

DANTZIG, 20.—O representante do Senado apresentou, ao comissario polaco, desculpas por causa do incidente em que perdeu a vida um funcionario polaco.—(Havas).

troz oficiais-generais polacos, visitou hoje algumas fabricas de guerra.—(United Press).

Chamberlain define os objectivos do governo em materia de politica externa

LONDRES, 20.—Chamberlain dirigiu uma carta ao candidato conservador Cecil Pike, que se apresenta á eleição pelo circulo de Colmewelley.

«O governo nacional—declara nessa carta Chamberlain—fez claramente compreender ao mundo que se opõe resolutamente a qualquer tentativa de solução, pela força, das divergencias internacionais. Sempre convencidos de que não se possam resolver pacificamente, não recuaremos perante nenhuma medida para satisfazer os nossos compromissos solenes de resistencia á agressão. O nosso programa de rearmamento, graças ao qual a nossa defesa chegou a um alto grau de eficacia, não tem finalidade aggressiva. O seu objectivo é salvaguardar os nossos interesses e os do Imperio, ajudar os nossos aliados e desempenhar o nosso papel, eficazmente, para prevenir a guerra. Tudo isso indica que a nova força da Inglaterra inspira confiança na Europa e nos países que desejam viver em paz e segurança. A despeito dos grandes sacrificios que nos impôs a extensão dos nossos serviços de defesa, podemos defender a estabilidade financeira e industrial do país e proteger o poder de compra do povo».—(Havas).

A importancia da Marinha de Guerra britânica em caso de guerra

LONDRES, 20.—O Primeiro lord do Almirantado declarou: «Para o fabrico do material de guerra são essenciais os seguintes produtos basicos: carvão, petroleo, algodão, lã, ferro, borracha, cobre, níquel, chumbo, glicerina, celuloose, mercúrio, alumínio, antimónio, asbestos, mica, acido nítrico, enxofre e aço. Destes produtos a Grã-Bretanha produz apenas em grandes quantidades—o carvão. Os restantes devem ser trazidos do Imperio britânico do Ultramar ou das nações aliadas ou amigas. Por este motivo conservar as rotas maritimas do Imperio britânico completamente livres, em caso de guerra, é de vital importancia para a victoria. A Marinha de Guerra britânica é, e deverá ser sempre, a nossa primeira linha de defesa. As bombas do inimigo podem destruir Londres, mas somente a destruição da Ar-

mada inglesa pode destruir a Grã-Bretanha.

O eixo Roma-Berlim-Toquio encontra-se nas mesmas circunstancias do que a Grã-Bretanha, pelo que diz respeito ás materias primas para a guerra. A Italia tem de importar o que necessita para fabricar material de guerra. O Japão, a pesar dos territorios que tem conquistado á China, precisa também de importar quasi tudo. A Alemanha não produz cobre, borracha, estanho, mercúrio ou mica. A sua produção de minerio de ferro, cobre, antimónio, níquel, enxofre, lã e petroleo é relativamente diminuta e não basta para as necessidades em tempo de guerra. Com uma esquadra poderosa, não só asseguraremos as nossas vias de comunicação pelo mar, como também cortaremos aquellas que o inimigo precisa utilizar para transportar os produtos que lhe são essenciais para manter a guerra.—(United Press).

A Armada sovietica

VARSOVIA, 20.—Algumas altas personalidades polacas que acabam de regressar duma viagem á Russia afirmam que nos estaleiros sovieticos se trabalha dia e noite, e que os russos estão a concluir o fabrico dum novo tipo de cruzador rapido, cujas características e tamanho se ignoram e que tomará parte no desfile naval de 24 do corrente, por ocasião da celebração do «Dia da Marinha sovietica».—(United Press).

O rearmamento moral

HOLLYWOOD, 20.—Varios milhares de pessoas, que representavam 25 países do mundo, participaram ontem numa assembleia preliminar do congresso de rearmamento moral, sob a presidência do dr. Frank Buchman. A presidência do Congresso recebeu numerosos telegramas, entre os quais de Roosevelt, Hoover e Henry Ford.

Roosevelt afirma, entre outras coisas: «O programa do rearmamento moral não deixará de contribuir para diminuir o perigo dum conflito armado mundial. Para ser eficaz, o rearmamento moral deve contar com o apoio de todo o mundo».

Hoover afirma: «Ha varios anos que o mundo vive numa atmosfera de antagonismos. Cumpre-nos, de hoje em diante, descobrir campos de actividade ou de acção comum com o fim de dar corpo ao nosso empreendimento».

O congresso mundial do rearmamento moral realiza-se em Del Monte, de 21 a 31 de julho.—(Havas).

NO EXTREMO ORIENTE

Continuam a existir

divergencias entre ingleses e japoneses

TOQUIO, 20.—Depois das conversações de ontem, Arita e «sir» Robert Graigie, embaixador da Grã-Bretanha, procederam á troca de notas escritas para serem enviadas aos respectivos governos. A Imprensa niponica da manhã confirma que continuam a existir divergencias consideráveis entre os pontos de vista inglês e japonês.

«Sir» Robert Craigie—dizem os jornais niponicos—opõe-se fortemente a certas reivindicações apresentadas por Arita que afectam o prestigio britânico, mas aceitou, francamente, outros pedidos num espirito de conciliação. Diz-se que a conferencia de 21 de julho deve ser decisiva. Segundo os jornais japoneses desta manhã, o Japão está resolvido a cingir-se ás suas imutáveis reivindicações.

O «Nichi Nichi» diz que Arita se opõe a qualquer plataforma relativa áque-las questões de principio, a respeito das quais a Grã-Bretanha terá de responder—sim ou não.—(Havas).

Hiramuna e Arita conferenciaram

TOQUIO, 20.—O presidente do Conselho, barão de Hiramuna, conferenciou com Arita, acerca das propostas que devem ser apresentadas ao embaixador britânico, quando recommencarem as conversações anglo-niponicas.

O porta-voz da marinha de guerra japonesa acusa os russos de prejudicarem os interesses japoneses oprimindo os subditos niponicos e privando-os de receber generos alimenticios na Ilha Sakalina.—(United Press).

Exercícios de defesa passiva

TOQUIO, 20.—Começaram ha dias no Japão oriental importantes manobras de defesa aerea, no Japão oriental. Estas manobras, que duram 5 dias, têm por centro Toquio e participam nelas 60.000 membros dos corpos de defesa aerea criados recentemente. Ontem á noite fizeram exercícios de luzes na capital.—(Havas).

A baixa do dolar chinês

CHANGAI, 20.—Pela primeira vez, a população mostra apreensões com a baixa do dolar chinês. Os capitalistas convertem, rapidamente, os seus haveres em mercadorias e barras de ouro. O mercado está cheio de encomendas deste genero. Os chineses da classe média começam a fazer «stocks» de mercadorias importadas. Nas lojas, a adaptação dos preços ao novo valor da moeda faz-se, instantaneamente, e já se passam contratos na base de dolares e libras esterlinas.—(Havas).

Os refugiados em Macau

LONDRES, 20.—Informam de Macau que, de dia para dia, aumenta extraordinariamente o numero de refugiados chineses que se acolhem á protecção da bandeira portuguesa. Durante o dia de ontem entraram naquelle cidade portuguesa mais 378 refugiados chineses. O aumento constante dos chineses que se refugiam em Macau está a criar um sério problema para as autoridades portuguesas.

Consta que o Governo de Macau se verá forçado a proibir a entrada de mais chineses.—(United Press).

O "pôrto" animador, animador máximo dos Bailes e Soirées, é um vinho fino, incomparável.



TRESPASSA-SE

Oficina de serralheiro-ferreiro, bem apetrechada em maquinismos e ferramentas, em plena laboração e com o respectivo alvará. Trata-se na Calçada Marquês de Abrantes, 43, rez-do-chão.

UMA CARTA

A «Hora de Arte» no Seixal

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta:

«Queira perdoar-me, sr. director, que muito tardiamente eu venha no seu mui lido jornal tratar da «Hora de Arte» para operários, levando a efeito pela Emissora Nacional em 20 de maio proximo passado, na risonha vila da margem sul do Tejo, á qual o exm.^o sr. Bourbon e Meneses, quarenta e um dias depois de realizada, se referiu também na sua «Tavola Redonda».

Nesta, o ilustre cronista das «Pedras Soltas», faz tão mau conceito do povo do Seixal que, na minha qualidade de filho adoptivo desta terra, onde exerci o cargo de administrador do concelho durante quatro anos, não posso deixar de classificar os seus reparos áquela hora de prazer espiritual, de verdadeiras pedradas que um espirito culto e elegante do meu país injustamente projectou. E se não vejamos:

A primeira parte do programa constituída por belas e bem seleccionadas paginas musicais da autoria de compositores nacionais e estrangeiros, foi executada pela Orquestra da Emissora Nacional sob a regencia de Pedro Blanch—e ouvida pela assistencia que por completo enchia o vasto salão de festas da Sociedade Timbre Seixalense (local em que se radiodifundiu a «Hora de Arte») com uma atencao que nem sempre verifico em Lisboa nas grandes audições e que todavia não deixam de ser excelentes e riquissimas para a critica.

A segunda parte foi preenchida com a sempre linda selecção da opera «Madame Butterfly» e a «Sinfonia Incompleta» de Schubert, executada pela Timbre Seixalense, uma das mais consideradas bandas filarmónicas do país, no seu genero. E porque os executantes da referida filarmónica, que depois da labuta diaria nas fabricas, se encontram sempre, não nas tabernas da vila, mas na biblioteca da sua sociedade, lendo as biografias dos grandes musicos, ou junto das suas estantes, estudando e interpretando autores consagrados sob a orientação de pessoa competente—mas que dentro dos seus recursos se atreveram depois de porfiado estudo a executar as maravilhosas paginas do saudoso e genial compositor, num louvavel desejo de agradar a todos que compreendem e sentem a divina arte dos sons, por tudo isto concluo o sr. Bourbon e Meneses, também, melancolicamente, que foi uma pobre «hora de arte»!

Lamento não ser um genio, e por isso mesmo não ter tido a presciencia daquela sua «Tavola Redonda», porque então teria convidado s. ex.^a a assistir á «Hora de Arte» no Seixal, e estou certo de que haveria de sentir-se bem junto dos operários que por educação substituíram os seus fatos de ganga por fatos domingueiros e ainda junto de bachareis, funcionarios publicos e senhoras bem cultas, constituindo um auditorio que está habituado a ouvir boa musica, e não «ordinarios» puxados e repuxados a clarinete, na frase tão infeliz do sr. Bourbon e Meneses.

Da minha parte, que possuo rudimentares conhecimentos musicais e sempre que me é possível dedico o meu tempo á musica, como da parte de muitas pessoas distintas que assistiram á «Hora de Arte» no Seixal, mas que não serão laureadas pelo Conservatorio, e portanto só estas estão á altura de compreender as suas mais transcendentess expressões, só temos que agradecer ao sr. Bourbon e Meneses o diploma que na sua «Tavola Redonda» nos confere.

Parece-me que a iniciativa dos estudiosos rapazes da Timbre só deveria merecer louvores e não referencias depreciativas de tão ilustre jornalista.

Mas é ainda em nome deles que convido a critica, bem como o sr. Bourbon e Meneses, a ir um dia ao Seixal, sem receio de serem corridos á pedra, para ouvirem de novo aquela notavel obra musical que a Timbre Seixalense, num elevado sentimento artistico e devido respeito pela memoria do mago dos sons conservará bem incompleta e bem convencida de que se Liszt ressuscitasse e também os acompanhasse, muito calma e serenamente nas suas apreciações de Mestre seria mais justo para com os rapazes da Timbre do que o sr. Bourbon e Meneses.

Parafraseando o distinto cronista e para terminar, direi:

Pobre momento, não o musical de Schubert cuja apreciação está acima de todos nós, mas aquele em que o sr. Bourbon e Meneses escreveu a «Tavola Redonda», no dia 29 de junho de 1939, era de N. S. J. Cristo, e dia de Pedro o Seu bondoso apostolo.—José Elísio Gonçalves Louro, tenente.»

VISITA A EMISSORA NACIONAL

Por iniciativa do Conselho Consultivo da Secção Radio-Escuta da Rede dos Emissores Portugueses, realiza-se no proximo domingo, 23, uma visita ás instalações de Barcarena, da Emissora Nacional de Radiodifusão, sendo convidados todos os amadores, quer emissores, quer escutas.

A partida far-se-á ás 13 e 30, da praça dos Restauradores, em auto-carro.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

Segundo as criticas dos jornais do Rio de Janeiro, chegados ontem a revista «A dança da luta», estreada no dia 4 no Republica, pela companhia Beatriz Costa, foi, de todas a que obteve maior éxito. A sua apresentação constituiu um verdadeiro triunfo para os seus autores, Fernando Santos, Lourenço Rodrigues e Xavier de Magalhães e para os seus interpretes em geral.

—Durante a sua estada no Rio de Janeiro, o actor, Gil Feneira participou num filme brasileiro, interpretando um dos primeiros papeis.

—A inauguração dos espectáculos populares, de revista, no Maria Viotria, com a revista de «Dois e Dois», «Ponta da unha», coincidirá com a transformação daquele teatro.

—Ao empresario do Avenida, o actor Abilio Alves, foi entregue pelo escritor Joaquim Paço de Arcos, uma alta comedia em 3 actos, intitulada «Bonecos de Trapos».

—O grupo feminino que faz parte da companhia de Maria Matos, na sua «tournée» ao Brasil, é constituído, além desta artista, pelas actrizes Maria Helena, Maria Cristina, Beatriz de Almeida, Miquelina Rodrigues, Beatriz Behmar e Julia Gomes.

—Hortense Luz, que vai fazer parte do elenco do Apolo, na revista «O mar também tem amantes...» desempenhará nesta peça cinco numeros, todos de feição popular e alguns de caracter comico.

—A chamadas nossas primeiras companhias foi dirigido para a realização dum grande espectáculo que se realizaria ao ar livre, no Estoril, no mês de setembro, iniciativa de Erico Braga.

—Nas Caldas da Rainha, a respectiva Camara Municipal emprega todos os seus esforços para que a inauguração do novo Teatro Pinheiro Chagas se realize no proximo mês de agosto.

—A companhia Adelina-Aura Abranches trabalha amanhã e depois de amanhã em Aveiro e nos dias 23 e 24 em Ovar, seguindo para Matosinhos, Barcelos, Vila do Conde e Ponte do Lima.

—O regresso ao teatro da actriz Cremilda de Oliveira que está a ser negociado, far-se-á numa companhia de comedias e em lugar de destaque.

—O empresario Ricardo Covões, antes da sua partida para Melgaço deixou já varias combinações feitas com diversos artistas para a sua companhia de revistas-fantasia.

—A companhia Teatral Portuguesa continua a ter no seu programa o plano de trabalhos no Porto durante o mês de outubro, fazendo

ali o seu repertorio e até algumas peças novas.

—Vai seguir, sózinha, no proximo mês, em «tournée» pelas praias e termas, com numeros de variedades, a actriz Cremilda Tonres.

—Entre a terminação dos espectáculos no Variedades, da opereta «Ribatejo» e a estreia da revista «Ordinario, marchel», representar-se-á ainda outra peça musicada, com Mirita Casimiro na protagonista.

—Ramada Curto e Oliveira Guimarães estão de novo a trabalhar, agora mais activamente, na conclusão da sua revista «Oiro sobre azul».

—A volta da futura exploração do Apolo, depois deste verão, estão-se a fazer negociações para uma sociedade entre o empresario Luiz Ruas e outra figura de teatro, permitindo supor-se que o referido teatro passará por grandes transformações antes de se iniciar a sua nova exploração.

—Tem estado doente, mas experimentou já bastantes melhoras, o escritor teatral Fernando Santos.

—A musica da produção poetica que fôr premiada para o concurso do «Fado do Faustino», lançado pela empresa do Avenida, vai ser escrita pelo maestro-compositor Raul Ferrão.

—Segue amanhã no «rapido» para o Porto a «Embaixada do Fado» do Retiro da Severa, da qual fazem parte Maria Emilia Feneira, Adelina Ramos, Natalia dos Anjos, Natividade Pereira, Amalia Rodrigues, Alfredo Manceneiro, Alberto Costa, Julio Proença, José Porfírio, Julio Duarte, Xavier Pinto, e a «troupe» de guitarristas constituída por Armandinho, Jaime Santos, Santos Moreira e Alberto Correia. A estreia efectua-se amanhã no teatro Sá da Bandeira, donde seguem para Braga, Guimarães e Povoas de Varzim.

—Com o proposito de levarem a efeito a realização de espectáculos de operas portuguesas e algumas dos principais compositores estrangeiros, constituiu-se um grupo intitulado «Artistas Liricos Reunidos», de que fazem parte individualidades dos mais cotados no nosso meio lirico. Foi nomeada uma comissão organizadora constituída pelo baritone Julião Martins, compositor João Camilo e tenor Luiz Pizarra.

—No Olimpia Club apresentam hoje novos numeros as bailarinas Marietinha, criadora da «Dança do Fogo»; Bébé Diamante, interprete dos bailados castiços espanhóis e Santuzza Monti, cantora de tangos e do folclore italiano.

—São do artista Pinto de Campos os figurinos para o guarda-roupa da revista «Ponta da unha», que vai representar-se no Maria Vitoria, cujos ensaios começaram já, sob a direcção do realizador Piero.

Grande e sensacional concerto musical hoje, quinta-feira, no COLISEU

Tomam parte a Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional—cêrea de 100 professores—sob a regencia do grande maestro PEDRO DE FREITAS BRANCO e os distintos artistas liricos: D. Isaura Garriga, D. Julieta de Freixos Boavida, o tenor Guilherme Kjörner e o baixo Mergulhão. Partituras de: Beethoven, Puccini, Rossini, Strauss, Ravel, Alberto Fernandes e Berlioz.

Um dos melhores concertos dos ultimos tempos, a preços como nunca houve

Bilhetes desde 2\$50—Camarotes desde 20\$00—Cadeiras a 8\$00

O concerto começa ás 21 e 45 horas

OLIMPIA CLUB

Um estupendo programa de Variedades e uma formidável orquestra de «jazz»

GRANDE EXITO DA DANÇA DO FOGO POR MARIETINITA

NOVOS NUMEROS PELA FAMOSA BÉBÉ DIAMANTE

Canções italianas e tangos pela graciosa cantora SANTUZZA MONTI

PROGRAMAS DE HOJE

EDEN

O drama do Rapido 23

Filme de grande emoção, movimento e interesse crescente, produzido pela Franco-London Filme.

A's 21 e 30

Telef. 2 0768

COMPLEMENTOS VIVOS

CENTRAL

A lei dos cossacos

O Duque de West Point

Preços unicos:

Diá, 2\$50—Noite, 3\$00

Telef. 24381—A's 21 horas

ODEON

Epoca de verão 50 OjO de desconto.

A's 21 e 15

Telef. 2 6283

SUEZ

com Loretta Young, Anabella e Tyrone e Powell

PALACIO

A Rainha do Patim

A's 21 e 30

Telef. 4 7163

com Sonja Henie

TERRASSE

ESQUADRA HEROICA

BARREIRAS SOCIAIS

Telef. 2 9017

Plateia 2\$50—Matinée 2\$

CONDES

PREÇOS POPULARES

Todos cantam

com Allan Jones e Judy Garland

S. Francisco

com Gable, Macdonald e Tracy

A's 21 e 30

Telef. 2 2523

No Terraco e no Salão

CAPITOLIO

Sinfonias modernas

Juramento de Mr. Moto

Telef. 2 7493 A's 21

REX

Heróis de Hoje

A ULTIMA CONQUISTA

Preços desde: «Matinée»

1\$25. Noite 1\$80, excepto

domingos e feriados.

Telef. 2 9656

A's 21 e 15

Pavilhão

Português

Ruas sombrias

Qual das duas

A's 21 e 30

CASINO

ESTORIL

A Filha do Bosque

Maldito

AVIAÇÃO

A importância excepcional

do aerodromo da Portela

Portugal, mercê das suas excepcionais condições geograficas, pode considerar-se a primeira potencia aerea da Europa. A' cabeça do continente, largamente projectado sobre o Atlantico, ainda com o seu prolongamento natural, que é o arquipelago dos Açores, o nosso país, que já hoje é escala dos grandes transatlanticos aereos, será, dentro de muito poucos anos, podemos até fixar o numero—dois ou três se tanto—a grande placa rotativa da aviação intercontinental. As viagens que se estão realizando, muito embora os americanos já tenham feito travessias com passageiros, (jornalistas) estão ainda no periodo experimental. Opõem-se duas formulas: a dos hidro, cujo peso diminuem sensivelmente, a velocidade, e a dos aviões de rodas, mais leves e, portanto, mais rapidos.

Tudo indica que nem um, nem outro processo vencem inteiramente. O hidroavião será utilizado para certos serviços, e o avião terrestre para outros, sobretudo, para correio, que, pela sua propria natureza, tem de ser entregue num tempo «record». É mesmo possível que a America venha adoptar o primeiro tipo de aeronave, e a Europa, o segundo.

Portugal está-se preparando para esse futuro immediato, cujas vantagens não só de prestigio, mas materiais, são incalculaveis. Tem já um plano de agua muito regular e, activamente, está-se trabalhando no aerodromo da Portela, que ficará um dos melhores campos da Europa, não só pela sua latitude, mas ainda pelos seus serviços. Esse grande campo vai servir para aterragem dos aviões, que venham ou partam para todos os países do continente.

Excursões ás «Berlengas»

Todos os domingos e quintas-feiras em commodos auto-carros até PENICHE de PENICHE ás Berlengas em barco especialmente construido para este fim.

AUTO-CARRO DA CARREIRA: Partida de Lisboa, 7,30. Chegada a Lisboa, 0,30.

Desde que a inscrição complete em qualquer dos dias a lotação de um auto-carro, a chegada a Lisboa tem lugar ás 22 horas.

IDA E VOLTA, Esc. 45\$00

Marcação de lugares: Capristano e Ferreira, Ld., Largo de S. Domingos, 11-A, (Palacio do conde de Almada)—Telefone 2 1003.

CARTAZ

TEATROS

AVENIDA—A's 21 e 45—«Faustino, Limitada».

VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 23—«Ribatejo».

TEATRO PARA TODOS—A's 22 e 30—«Trutas e Tretas».

CINEMAS

EDEN-TEATRO—A's 21 e 30.

CAPITOLIO—A's 21.

CENTRAL—A's 21 e 15.

CONDES—A's 21 e 30.

COLISEU—A's 21 e 15.

ODEON—A's 21 e 15.

REX—A's 21.

OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.

PALACIO—A's 21 e 30.

CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.

ROYAL—A's 21

PAVILHAO PORTUGUES—A's 21.

AVENIDA

Hoje: A's 9 e 45 horas

FAUSTINO, L. DA

A farsa-«Record» das Gargalhadas

Bilhetes desde 4 escudos!

Domingo: «Matinée» e «soirée».

VARIEDADES

Hoje: A's 8,30 e 10,45 horas

A OPERETA

RIBATEJO

Protagonista: MIRITA CASIMIRO

Domingo: «Matinée» Mirita

Dr. Miguel de Magalhães

Monitor da clinica de Necerck—Paris

RINS, vias urinarias—Venero—Sifilis

1. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas

TELEFONE 2 9063

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Marquesa de Alegrete, D. Maria Aurora Ribeiro da Silva de Bragança, D. Maria Luíza de Melo Travassos Valdez (Bomfim), D. Margarida Vitoria de Moser, D. Maria do Carmo Lobo da Silveira (Alvito), D. Maria da Conceição Pignatelli Sena Belo, D. Maria Emilia Dias da Silva, D. Maria Pinto da Silva, D. Maria Efigenia de Castro e Tavora Vasconcelos de Araujo Miranda e D. Ofelia de Carvalho Silva Carvalho.

NA COSTA DO SOL

No Casino Estoril

Assistencia elegante ao «Chã dansante» de domingo passado, no salão do restaurante do Casino Estoril:

Baronesa de Cadore, D. Esmeralda Linhares de Lima, D. Carlota de Serpa Pinto Santos Moreira, D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmento Cohen, D. Marta Pusich Pereira Cabral e filhas, D. Angelica Pavão Pereira da Rosa, D. Maria Luíza Pinto de Gouveia, D. Maria Antonia de Sampaio Homem de Melo, D. America Rocha Melo, D. Maria Luisa Vaz Morano e filha, D. Felismina Canas Cardim, D. Laura Canas de Aguiar, D. Emilia Aranha Gonçalves, D. Dulce Soares de Albergaria Lopes e filha, D. Sofia Covacichi de Sousa Lima, D. Eugénia Ribeiro da Silva e sobrinha, D. Maria Carlota Gorgão Henriques Lancastre de Freitas, D. Maria Amelia Preto, D. Rozane de Serpa Pinto de Lancastre de Freitas, D. Maria Teresa Valejo Marques Soares Mendes, D. Maria Cristina Rino Frois Pinto da Silva, D. Maria Teresa Monteiro de Barros, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Rosa Barroso de Matos Cid e filhas, D. Lina de Andrade, D. Maria Margarida Barbosa de Meireles, D. Maria Rio de Carvalho e filha, D. Maria Virginia Vieira da Silva, D. Maria Ressano Garcia, D. Ema Bastos Vicente Ribeiro, D. Maud Cohen Fereiro, D. Julia Vilar Costa, D. Luíza Maria Ferreira Cardoso Demostier, D. Maria Pavão, D. Oliva Guerra, D. Maria Maxima e D. Maria Amelia de Melo Arriaga Tavares, D. Sara Maria Portocarrero da Mota Ferreira Cardoso, etc., etc.

EM VIAGEM

Com sua esposa, sr.^a D. Elisa da Camara Leme de Serpa, e seus filhos, partiu para a quinta de Santo Amaro, em Azeitão, o capitão de engenharia e comandante do 3.^o batalhão da «Legião Portuguesa», sr. D. Rodrigo de Serpa Pimentel.

Para Campo Maior, partiu o sr. dr. Francisco Telo da Gama.

Partiu para sua casa de Cascais, acompanhado de sua esposa e filhinho, o sr. D. Eduardo Manuel de Moura Coutinho de Almeida d'Eça Braamcamp.

Tem V. Ex.^a alguma filha para casar?

Se gosta do que é bom lembre-se da casa **Aux Mille Parures.**

47 — P. Restauradores

Dr. Bastos Gonçalves
Calçada da Estrela, n.º 129-r/c

PARA OS NOSSOS POBRES

Correspondendo ao apelo que fizemos aqui a favor dum protegido nosso, recebemos de «Uma anónima de Viseu», 5\$00, e de um «Anónimo», 10\$00. Agradecemos a amabilidade.

NA SUA PRÓXIMA VIAGEM AO PORTO

Vá confiante...
...será bem tratado!

Completamente remodelado nas suas instalações, com água quente e fria em todos os quartos, esmerado serviço de cozinha e copa e a meio minuto da estação do Porto encontrará o

HOTEL ALIANÇA

Rua Sampaio Bruno, 53
Telefone 224 PORTO

A I Feira Regional no Estoril

A esta 1.^a Feira Regional, cuja inauguração se fará no próximo dia 29, no Casino Estoril, está reservado um êxito extraordinário.

Estão constantemente chegando ali os mostruários de todas as províncias do norte do país.

Assim, vão vê-se em belíssimas foto-montagens, os quadros de Barcelos, o monumento e a capela de N. S. da Franqueira, do templo do Bom Jesus da Cruz da igreja matriz.

O Douro litoral, apresenta-se com os vinhos verdes, mandados pela sua comissão de viticultura dessa região, em que sobressaem duas esbeltas raparigas vindimadeiras e um quadro sugestivo, onde se vê a alta influencia deste ramo de actividade do norte do país, na nossa economia.

Do Minho, vêm de Braga a representação do escadório do Bom Jesus do Monte, o trecho do côro da Sé e a capela de S. Frutuoso, reconstrução admirável do século XII.

Guimarães, com o seu castelo antigo, berço da nossa nacionalidade, em relevo especial, e que actualmente se encontra em activa reconstituição para as festas comemorativas do Duplo Centenário, e também um aspecto de cada um dos dois museus, Martins Sarmento e Alberto Sampaio.

Do Porto, é apresentado um dos mais importantes factores da sua industria, a dos tecidos, por uma forma verdadeiramente original, assim como as sedas, as malhas, etc.

De Gondomar, as belas filigranas e de Vila do Conde os bordados sem rival.

E mais e muito mais que iremos desvendando pouco a pouco, porque é um nunca acabar e que vai causar a maior sensação e dar a esta Feira o maior brilho.

Os «stands» continuam a ser marcados, tanto pelo nosso commercio, como pela nossa industria, para o que a secretaria dá todas as informações.

Justa homenagem

Dois dos mais antigos operários da conhecida Imprensa Lucas & C.^a, uma das mais antigas tipografias de Lisboa, pois data de 1850 a sua fundação, foram agraciados com o grau de cavaleiro da Ordem do Mérito Agrícola e Industrial (classe do Mérito Industrial).

São eles Vicente Ferrer Laureano e Miguel da Costa Oliveira, que tendo sido admitidos de tenra idade naquela casa, em abril de 1902, como aprendizes, pela sua conduta, aplicação e qualidades profissionais ha anos desempenham o primeiro, o lugar de chefe das oficinas tipográficas, e o segundo, o de encarregado de secção.

A Imprensa Lucas & C.^a, na presença de todo o seu pessoal, no qual já ha dois agraciados em 1935, faz amanhã, ás 18 horas, a entrega dos diplomas e respectivas insígnias aos homenageados de agora.

Relações de comercio externo

A direcção da Associação Comercial e Camara de Comercio de Lisboa appreciou na sua ultima sessão o novo regime estabelecido pelo Banco de Portugal para execução do acôrdo de compensação com a Italia, as condições da importação de ovos pela Inglaterra e da exportação de travessas de madeira para caminhos de ferro para o mesmo país, a introdução de pirites nacionais no plano dos contingentes de exportação para a Alemanha, e o agravamento das taxas aduaneiras no porto de Dakar, que fere a exportação de frutas nacionais para essa colonia francesa, em beneficio da Italia e da Espanha.

O desfalque nos Correios

O sr. Eurico Gomes Duarte, um dos implicados no desfalque praticado nos Correios, escreve-nos a dizer que o desfalque não deve ir além de 80 contos. Acrescenta que tanto ele como o carteiro Henrique da Costa Cabral confessaram espontaneamente á Policia a responsabilidade que têm no desfalque e que o chefe de serviços Custodio Correia Gago foi o autor e executor de tudo quanto se passou.

A Policia continua a proceder a investigações para determinar a responsabilidade de cada um dos três presos.

ANIVERSARIO ASSOCIATIVO

O Asilo d'Espie Miranda, instalado na quinta da Mineira, a Campolide, comemora no dia 30 do corrente o 39.^o aniversario da sua fundação com um interessante programa de festas de que fazem parte a inauguração duma avenida dentro da quinta, benção duma capela, procissão e quermesse.

ALMOÇO DE HOMENAGEM

No proximo sabado, realiza-se no Tavares um almoço de homenagem ao caricaturista Arnaldo Ressano.

A homenagem é promovida pelos seus amigos e admiradores, que assim pretendem consagrar não só o artista como o conferencista.

PUBLICAÇÕES

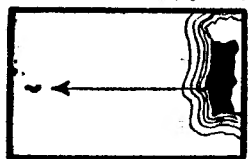
«Stadium»

Saiu ontem mais um numero da revista desportiva «Stadium», que ha anos se apresenta com muito brilho. Este numero é interessantissimo, porque foca não só os mais palpitantes assuntos do football e do ciclismo, como doutras modalidades.

DR. ALBINO PACHECO
R. Nova da Trindade, 9
Tel. 2 7023



SÃO MIGUEL (AÇORES)



ILHA VERDE

HOTEL "TERRA NOSTRA"
CASINO, GOLF, TENNIS, ÁGUAS TERMAIS, BELEZAS NATURAIS
ESTÂNCIA TERMAL DAS FURNAS
ILHA DE SÃO MIGUEL AÇORES

HAVAS

O NOTAVEL CONCERTO MUSICAL que hoje se realiza no Coliseu

E' hoje á noite, pelas 21 e 45, que se realiza na vasta sala do Coliseu o notavel concerto musical a favor da Caixa de Previdencia de Profissionais da Imprensa de Lisboa, e que só por circunstancias especiais, devidas á amabilidade da cedencia da sala pelo empresario Ricardo Covões e á anuencia amavel da Emissora Nacional e dos artistas que tomam parte, pode ser apresentado ao publico a preços como nunca se verificaram em espectaculos de tal categoria.

Colaboram a Orquestra Sinfonica da Emissora, constituída por cerca de cem professores e regida pelo maestro Pedro de Freitas Branco, artista de fama internacional, e um grupo dos nossos melhores cantores. O interesse do sarau está destinado a constituir um dos mais sensacionais espectaculos de arte dos ultimos anos, no nosso país.

Enfim, um concerto como nunca se ouviu e por estes preços baratissimos: geral, 2\$50; geral reservada, 3\$00; cadeiras de toda a plateia, 8\$00; camarotes de 2.^a, 20\$00 e 25\$00; e camarotes de 1.^a, 30\$00. Bilhetes á venda no Coliseu.



Alegria justificada

—Ai, rica filha! Como estás ferinha!
E vens uma «senhora»...
—E trago aqui aos pais uma rica lembrança...

—O que é, filha?!...
—E' café d'A Mariazinha!...
—Ai, querido amor; é a melhor coisa que nos podias trazer...
—E também trago para o tio Manuel da Cancela... para a tia Josefa do Pinal... E trago Chá das 5 para a avózinha...

—Mas esqueceste o teu afilhado pequenino!...

—Não, meus pais; não esqueci. Para esse... trago farinha «Duas Pombas»!...

—E's um amor de filha! Vais dar-lhes uma grande alegria!...

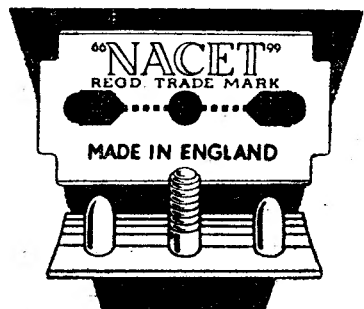
Como se pode dar o caso de haver alguma pessoa que tenha estado há alguns anos fora de Portugal—e, por isso, o ignore—dizemos que a casa d'A MARIAZINHA é na

RUA BARROS QUEIROZ, 26 e 28
(á igreja de S. Domingos)

ESTORIL

Casa vende-se ou aluga-se

A 300 metros da estação com todas as comodidades modernas, ampla garage, jardim, quintal, etc. Tratar na mesma, Parque Estoril Rua Melo e Sousa, Chalet Maria Manuela. Tel. 203. Também informa Lino, banheiro, ou o chefe do Caminho de Ferro.



As lominas Nacet já têm a sua reputação firmada pela sua excelente qualidade e baixo preço. Pode comprar as lominas Nacet na certeza de saber que a sua qualidade não varia e que, todas as lominas, de todos os pacotes, lhe darão inteira satisfação.

Pacotes de 10: Esc. 5\$00

Agencia em Lisboa.

Rua da Conceição, 75, 1.^o

NACET

Vida desportiva

O movimento do tiro a chumbo em Portugal

E' balda velha de portugueses traduzir tudo o que se faz no estrangeiro, sem atentar no que de bom ou mau pode advir para o aperfeiçoamento duma actividade desportiva. No tiro a chumbo, as consequências desastrosas foram rapidas, e, estão palpaveis, cintilantes, bastando para o demonstrar, assistir a qualquer torneio organizado pelos clubes da Federação Portuguesa de Tiro a Chumbo.

O espectáculo desenrolado é confrangedor, e dá-nos a impressão nitida de que em Portugal, só há atiradores de vinte metros,—o que não é verdade—mas, que em verdade se converterá brevemente, a subsistirem as sanções dum regulamento obtuso que urge revogar, quando mais não seja, por brio desportivo.

Dizia-se, antes da Federação, que tudo andava á matroca, pois o *handicap* a olho, como era feito, conduzia bastas vezes a injustiças flagrantes. Foi justamente, para obviar a esse inconveniente, e na melhor das intenções, que se vendeu dum regulamento estrangeiro tudo o que nele havia de bom, mas, sem atenção ás possibilidades do nosso país, equiparando um tiro modesto como o nosso, ao tiro do estrangeiro onde podem medrar, e viver profissionais.

Se o nosso meio pudesse comportar o que se fez no Estoril no verão do ano passado, talvez já esse regulamento pudesse ser aplicado, em parte, mas, não esquecendo os trinta e três metros das pranchas internacionais, nem ignorando que as grandes provas foram criadas para as distancias fixas, ou *excepcionalmente* para as duas distancias.

O resultado do *handicap* no nosso país tem contribuido assustadoramente para a agonia do tiro a chumbo, pois a todo o individuo que atire pela primeira vez nos nossos «stands», lhe é indicada a distancia de vinte e quatro metros, pelo menos, e ainda por favor, suavizando a letra do regulamento.

No desenrolar da prova o principiante fica desolado, porque vê avançarem pela prancha abaixo, até aos vinte metros, porque ali acaba a distancia mais curta, meia duzia de *ases* bem conhecidos nos nossos «stands». A sua surpresa é maior ainda, quando verifica que foram aqueles mesmos atiradores os vencedores das melhores provas das Sociedades Federadas.

—Como assim? Muito simples. A sociedade federada dá apenas um torneio oficial por ano, e só este conta para o *handicap*. Os outros torneios são semi-oficiais, muitas vezes não contando nem para o proprio *handicap* do clube. Estes torneios semi-oficiais, fazem-me lembrar a barbearia Semi-Ferroviaria, dos arredores de Lisboa, Campolide, Lumiar, algures, onde só se esconhoavam os de fóra, pondo em debandada os forasteiros. O principiante tem a nitida noção de que foi levado para o *handicap* que por favor lhe fixaram, e sabe-se, até que ponto ele tem razão, pois se até encontram ao fundo da prancha pessoas reconhecidas como atiradores internacionais, embora não deva considerar como tais os que apenas foram a Badajoz ou pouco mais além, pela mesma razão de que se riam de mim na escola primaria, quando eu dizia que tinha estado no estrangeiro por ter frequentado aquelas mesmas paragens. Canto-Blanco, San Sebastian, já possivelmente darão a um português a noção de qualquer tiro estrangeiro. Olhando para trás, também verifico com satisfação, que em Portugal já houve um «stand», onde o tiro timbrava por ser não só desportivo, mas também susceptível de aperfeiçoamento. Atenção e vénia a Porto, antes da Federação.

Nesse «stand» de Salgueiros, onde toda a gente pode ver voar os pombos mais rapidos e mais leais do mundo, as provas eram quasi todas disputadas, não só em distancias fixas, mas ainda ás distancias de vinte e seis e vinte e sete metros, distancias grandes hoje, mercê dos ensinamentos e dos vícios dum regulamento, bom na essencia, mas, deslocado contrafeito num meridiano longe da sua origem.

No entanto, ainda hoje, em qualquer aldeia do Norte, estas distancias subsistem, sem que por esse facto os torneios deixem de ter atiradores, e sem que sejam (argumento muito em voga no Sul) sempre os mesmos a ganharem as provas.

Num campo de tiro, há cinco caixas diferentes, onde são colocados cinco pombos também diferentes... de forma que bastam estas duas rajadas de sorte ou azar, para quebrarem todas as previsões infalíveis, pois as cinco caixas e os cinco pombos, defendendo-se diferentemente, darão a cada atirador, a tal percentagem de quarenta por cento, chamada *chance*, mais do que suficiente para estabelecer a confusão, e até um juizo absolutamente errado, sobre o valor real de qualquer atirador.

A que vêm então as oscilações da prancha, para quê o tal *handicap*, num país onde o tiro apenas modestamente pode receber (se lho soubemos dar) o nome desportivo, e nada

mais? Lá fóra, (ainda não é Badajoz, amigos) com premios avultados em dinheiro, está certo e, é absolutamente defensavel a teoria do *handicap*, mas nunca como cá fazemos, recebendo as distancias fixas para as provas insignificantes, e o *handicap* para os grandes premios, o que dá muitas vezes lugar a situações equivoacas, e ao medrar de ilusões pueris.

NOEL TELES

CICLISMO

XVII Porto-Lisboa

No XVII Porto-Lisboa, encontram-se já inscritos 42 concorrentes, entre os quais os nossos mais categorizados estradistas, representando as mais importantes colectividades do país, que se dedicam á modalidade.

Eis os inscritos: João Carvalho Marques (campeão nacional de fundo de 1939), José Herdeiro e Manuel Afonso, do C. C. Turista Vilhar; Mealha, Manique, Bartolomeu, Aniceto Bruno, Alberto Amaral e Julio Raposo, do Belenenses; Nunes de Almeida, José Pais Cabral, Americo Rodrigues Neves e Afonso Lopes Junior, do Campo de Ourique; José Pereira Machado, individual; Manuel Gomes da Silva e Julio Lauret Duarte, do Comercio e Industria, de Tomar; Alfredo Trindade, Ildefonso Rodrigues, José Marques, Cesar Luiz, Tulio Pereira, Ladislau Parreira e José de Albuquerque, do Sporting; Joaquim Fernandes, Noé de Almeida, Simões Alvito, Joaquim de Sousa, Eduardo Lopes, Jorge Pereira, Henrique Ribeiro e Manuel de Sousa, da Cuf; Antonio de Oliveira, individual; Nicolau, Aguiar da Cunha, Aguiar Martins, Francisco Duarte e Alfredo de Oliveira, do Benfica; José Vicente Rocha, individual; José Rodrigues, da Cuf, do Barreiro; Valentim Afonso e Antonio Afonso, individuais.

A chegada efectuar-se-á no Estadio do Lumiar, a cuja pista serão dadas três voltas completas.

Antes da chegada dos concorrentes ao XVII Porto-Lisboa efectuar-se-á um festival na pista, a que concorrerão as melhores equipas de corredores amadores.

BASKET-BALL

O Carnide protestou o jogo com o Barreirense

Na secretaria da Federação de Basket deu entrada um protesto do Carnide Club sobre o resultado do jogo realizado no ultimo domingo no Barreiro.

A reclamação dos campeões de Portugal vai ser julgada pelo Conselho Technico ainda esta semana. Segundo parece, o fundamento do protesto reside no facto da partida ter sido disputada num ambiente bastante pesado.

A Semana do Belenenses

O Club de Football «Os Belenenses», vai organizar a «Semana do Basket», a qual será dedicada á Imprensa de Lisboa. Trata-se duma iniciativa muito interessante, tanto mais que no programa figura um torneio para apuramento do «lançador completo», prova inedita entre nós e que reuniu elevado numero de concorrentes. O Belenenses procura assim, num intuito louvavel, criar o gosto pela modalidade, tendo instituido numerosos premios.

O programa, que tem também por fim homenagear os dedicados atletas da secção, foi elaborado da seguinte forma:

Dia 24 — Lisboa Gimnasio—Boa Hora, para a taça «Antonio Luiz Lucas»; Gimnasio Feminino—Sportivo de Pedrouços, para a taça «Maria Julia Silva»; e Carnide—Belenenses, para a taça «Acacio Rosa».

Dia 25—Matadouro—Belenenses; Matadouro Belenenses (feminino) e Desportivo Cuf—Lisgás.

Dia 26—Torneio de Lance Livre inter-socios, masculino e feminino para disputa de 3 medalhas. Torneio relampago para disputa da taça «João Luiz de Moura», sendo conferidas medalhas aos componentes do «team» vencedor.

Dia 27—Torneio de Lance Livre inter-clubes, feminino e masculino. Os clubes inscritos nesta prova, são: Carcavelinhos, Algés, Lisboa Gimnasio, Rio Seco, Queluz, Belenenses, União, Lisgás, Campolide, Ateneu, Carnide, Casa Pia, Matadouro, Boa Hora e Desportivo Cuf.

Para esta prova foram instituidas as taças «Hermengarda Lima» e «Carlos Francisco». No mesmo dia haverá um jogo de juniores entre o Ateneu e o Belenenses. Ao vencedor será entregue a taça «Menino José Rosa».

Dia 28—«Torneio do Lançador Completo», em que tomam parte representantes do Carcavelinhos, campolide, Belenenses, Lisgás, Carnide, Cuf e Algés.

Finals das taças «Maria Julia Silva» e «Acacio Rosa» e uma parada desportiva em que devem figurar todos os atletas da secção de «basket» do Belenenses.

No dia 3 de agosto haverá uma sessão solemne, para distribuição dos premios aos vencedores dos torneios, e no dia 6 um almoço de confraternização entre atletas e dirigentes.

O Belenenses reuniu ontem, na sua sede, os representantes da Imprensa, para lhes fornecer o programa das festas em homenagem aos jornais da capital. O nosso colega Jorge Saramago Simões louvou a iniciativa e agradeceu as palavras amáveis dispensadas ao nosso jornal.

Um belo festival promovido pelo Carcavelinhos

O campo de «basket» Manuel de Matos—uma obra que o Carcavelinhos pode orgulhosamente apresentar porque revela a sua incansavel actividade e a infinita dedicação dos seus associados—registou ontem á noite uma grande enchente.

Era um festival de «basket»: quatro jogos femininos e um masculino. Isto só prova que a modalidade entrou decididamente no gosto do publico. De resto, o «basket»—a pesar de desporto atletico—presta-se para ser praticado por raparigas. E o espectáculo é atraente. Vê-se com muito agrado.

Ontem, o Gimnasio Feminino venceu o Atletico de Albarque por 6-5. Depois, o Matadouro, «equipe» simpatica, onde ha algumas praticantes de merito, derrotou o Ateneu Commercial por 10-1.

A estreia do Carcavelinhos não foi desanimadora. Pelo contrario, as pequenas revelaram qualidades, embora perdessem, frente ao Sportivo de Pedrouços, por 9-2.

O melhor encontro feminino travou-se entre os dois grupos mais categorizados de Lisboa e já rivais: Belenenses e Ateneu Ferroviario. Ao fim do tempo regulamentar, 5-5.

Fases de belesa, em conjunto, jogadores ageis e sabedores, e energia de parte a parte. Embora o resultado de 5-5 fosse o do boletim oficial, o jogo foi prolongado por causa duma taça. Venceu o Ateneu Ferroviario por 9-8, após uma luta sem tréguas. A victoria teve merito, porque foi conseguida por 4 jogadoras em luta contra 5. De resto, no «basket» passa-se o mesmo que no «football». Ha as «cliques» os incitamentos, os despropósitos, e até as mesmas indelicadezas.

Como fecho do magnifico festival, o Carcavelinhos (homens), campeão da 2.ª Divisão, bateu o Sporting de Torres Vedras por 29-17.

As meias-finais do Campeonato de Portugal

O sorteio para as meias finais do Campeonato de Portugal de «basket» deu o seguinte resultado: Guifões (Ponto)—contra apurado Carnide-Barreirense; e União-Belenenses.

AUTOMOBILISMO

III «Rallye» ao Estoril

E' hoje que se encerra, pelas 23 horas, na sede do Club dos 100 á Hora, a inscrição para o III «Rallye», ao Estoril, que se realiza no domingo, 23, com a colaboração da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, procedendo-se em seguida ao sorteio dos concorrentes.

A inscrição continua aberta até á ultima hora, a pesar de ser já bastante longa, o que prova o entusiasmo que reina em todos os socios concorrentes e no meio automobilista.

A partida será dada ás 8 e 30, de Lisboa (praça Marquês de Pombal), seguindo-se o itinerario: Loures, Sintra, Colares, Cascais e Estoril, num total de 110 quilómetros, aproximadamente.

A média de marcha será de 45 quilómetros por hora. Haverá três provas complementares, sendo uma efectuada, durante o percurso da qual o concorrente terá conhecimento pela carta de controle.

Está marcado o dia 27 para a distribuição dos premios, na sede do Club.

«Rallye» ás Pedras

O Automovel Club de Portugal patrocina e dirige tecnicamente o «4.º «Rallye» Automovel ás Pedras Salgadas», que se efectua na primeira semana de agosto.

Os carros, turismo e desporte, estão divididos em dois grupos, até 1500 e mais de 1500 de cilindrada.

Os concorrentes poderão escolher para ponto de partida, Lisboa e Porto.

Itinerario de Lisboa—Coimbra, Viseu, Vila Real e Pedras Salgadas.

Itinerario do Porto—Viana, Monsão, Guimarães, Porto, Vila Real e Pedras Salgadas.

HIPISMO

Taça «General Domingos de Oliveiras»

Organizada pelo regimento de cavalaria da G. N. R., realiza-se no dia 22, pelas 15 horas, no campo de obstaculos do 3.º esquadrão da G. N. R., em Braço de Prata, uma prova hipica, para disputa da taça «General Domingos de Oliveiras» de inscrição reservada aos oficiais das unidades e estabelecimentos militares aquartelados na area do Governo Militar de Lisboa.

A prova é disputada em duas voltas e a classificação é feita totalizando as faltas das duas voltas e servindo o tempo da segunda para desempate.

Em caso de empate do 1.º lugar, haverá bargagem sobre três obstaculos á escolha do jurí.

Os oficiais podem inscrever até três cavalos cada, mas os que não tenham praça assente na unidade ou estabelecimento a que o official pertença, correrão «hors-concours».

A taça será propriedade do official que a ganhar duas vezes ou da unidade da qual os seus oficiais a tenham ganho três vezes.

A entrada no campo é livre, havendo um recinto reservado para os convidados.

PING-PONG

O 2.º Porto-Lisboa

Realiza-se no sabado o 2.º Porto-Lisboa, em «Ping-Pong», no terraço do Capitolio. Trata-se duma modalidade que conta um grande numero de adeptos, e dado o equilibrio de valores, este Porto-Lisboa deve resultar uma competição dura e cheia de energia.

Equipes do Porto—Alcides David (F. C. P.), Manuel Meireles (Academico) e Candido Rocha (F. C. P.). Suplente, Lima e Sá (F. C. P.).

Equipe de Lisboa—Antonio Luiz Esteves (Matadouro), Carlos Feio (Sporting) e Afonso Gago da Silva (Sporting). Suplente, José Roovers Ribeiro, Ateneu Commercial.

NATAÇÃO

Na praia de Caxias

Começa a funcionar no proximo sabado a escola de natação na praia de Caxias (Lagoal), dirigida pelo professor Antonio Bonrecho, que este ano será coadjuvado pelo professor Crysostomo Teixeira.

A avaliar pelo elevado numero de inscrições já feitas, prevê-se grande concorrência de alunos esta epoca, tanto mais que ajangada foi beneficiada com um trampolim para saltos.

As aulas realizam-se todos os dias uteis, da parte da manhã e da tarde.

NO ESTRANGEIRO

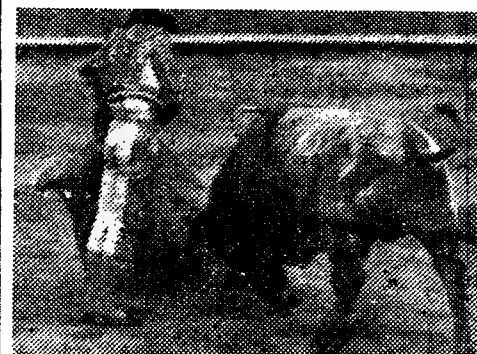
Vianinha em S. Paulo

SANTOS (S. PAULO). 20—Encontra-se nesta cidade o defesa Vianinha, que está a treinar na A. A. Portuguesa, de Santos. Caso agradem as suas exhibições será pedida á Federação Portuguesa de Foot-ball informação acerca da sua situação, a-fim dele alinhar oficialmente.—(United Press).

Pensão Castro

Com quartos confortaveis para casal e pessoa só. Comida com abundancia. Almoços e jantares ao domicilio. Recebem-se comensais. Avenida da Liberdade, 53, 2.º, D.

Hoje, ás 22 horas, no Campo Pequeno



FESTA DE
D. Bernardo da Costa
João Branco Nuncio
3 ESPADAS 3
«Carnicerito do Mexico».
Silverio Perez
e Carlos Arruza

TOIROS DE PINTO BARREIROS

Preços baratos: 5\$00, 7\$50, 12\$00, 15\$00 e 18\$00



RAINHA DA HUNGRIA

O encanto natural da mulher que quer conservar a sua beleza deve ser completado com uma escolha criteriosa de produtos de beleza.

Os produtos de beleza RAINHA DA HUNGRIA embelezam, provocam e conservam o encanto. Para peles normais deve substituir-se o sabonete pela PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA, que refresca, torna a pele fina, transparente e aveludada. Preserva a pele do cello, manchas, sardas e irritações. Conserve a frescura do seu rosto com AGUA RAINHA DA HUNGRIA, que purifica a epiderme e limpa os poros. Use o PO' DE ARROZ RAINHA DA HUNGRIA e aplique na sua «toilette» os CREMES de dia e de noite que evitam rugas, tonificam e aveludam a epiderme. Para cada caso especial da sua pele consulte a

Academia Scientifica de Belleza

Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

Telef. 2 1866

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Termas do Estoril

Banhos de água mineral e de água do mar, quentes e Carbo-gazosos. Duches, Pulverizações e Inalações, etc.

Ondas Curtas - Diatermia

Raios infra-vermelhos e ultra-violetas. Corrente eléctrica. Mecanoterapia — Macagens — Cultura Física. Sala de Armas.

Os seus pés

Têm cheiro?
Transpiram?

Use o «ODORANTINE». Este ótimo produto de resultados garantidos, liberta-o deste mal. Aplica-se também nos sapatos com os melhores resultados. Preço Esc. \$800. Envia-se à cobrança, com portes pagos.

A venda em Lisboa:
Drogaria Alvarez & C. Irmão — R. Prata, 221.
No Porto:
Farmacia Lemos & Filhos, Ltd. — Praça Carlos Alberto, 31.

Deposítarios gerais:
Drogaria Rodrigues da Silva, Ltd.
Praça do Comercio, 68 a 74. — COIMBRA.

TAMARIZ

ESTORIL

Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás. Aprazível recinto com divertimentos, para creanças.

NAO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.
Rua da Palma, 268 — Lisboa

PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA



A sua mesa só deve ir azeite fino, absolutamente puro. Está nessas condições o Azeite Olivar que sendo do melhor de Portugal é o melhor do mundo.

E' hoje o preferido nas melhores casas

Patriarcado, Embaixadas e Legações consomem e apreciam devidamente o Azeite Olivar

Pureza e medida garantidas. Latas cravadas automaticamente para se evitar fraudes.

DEPOSITO GERAL:

Eugenio Gonzalez & C. (Filho)
R. dos Bacalhoiros, 8 a 20
TEL. 22244

FRIGIDO

Instalações frigoríficas automáticas para todos os fins.

Mais de 300 instalações com 100 % de referências.

Em todos os ramos as principais instalações são

FRIGIDO

CARRASQUEIRO & TEIXEIRA, L.ª

Avenida 5 de Outubro, 175
LISBOA

Rua Cândido dos Reis, 42
PORTO

POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Reis, 27, 2.º — LISBOA — Telefone 4 5587

DR. ABEL ALVES — Oídos, nariz e garganta	A's 14 h.
DR. ADELINO COSTA — Cirurgia geral. Operações	A's 17 h.
DR. ALMEIDA DIAS — Doenças nervosas. Electroterapia	A's 14 h.
DR. ANASTACIO GONÇALVES — Doenças dos olhos	A's 17 h.
DR. ARMANDO LUZES — Rins e vias urinárias	A's 13 h.
DR. ARMANDO VALLE — Análises clínicas, vacinas	A's 11 h.
DR. ARTUR PACHECO — Doenças da pele e sífilis	A's 17 h.
DR. BENARD GUEDES — Raios X	A's 16 h.
DR. CARLOS FRADIQUE — Assistente livre da Faculdade de Medicina e interno dos Hospitais — Doenças das crianças	A's 17 h.
DR. FERNANDO DE CASTRO AMARO — Medicina Geral	A's 15 h.
DR. FORMIGAL LUZES — Ondas Curtas, V. violetas, Electrop. Therapia, Macagens	A's 13 h.
DR. MARCELINO MARTINS — Doenças da boca e dentes	A's 10 h.
DR. MARIO ROSA — Clínica geral, estomago e intestinos	A's 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA — Partos, Doenças das Senhoras	A's 15 h.
DR. VASCO DE LACERDA — Clínica medica, coração e pulmões	A's 16 h.

HAVAS



UM ALVAIADE EM MASSA DE QUALIDADE INCOMPARÁVEL

Insista em adquirir este Alvaiade em massa, que vos garante.

— Brancura.
— Poder de cobertura.
— Resistência à acção do tempo.

Uma experiência convencer-vos-á.

Verifique o selo de garantia.

Vende-se nas boas drogarias e na Agência DU PONT-DUCO

Rua Aurea, 132-138
LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril — Caminho de ferro.

HAVAS

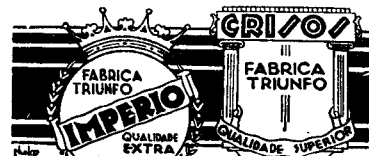


FAÇA AS SUAS TOALHAS DE MEZA

com tecidos lacados «Fabrikoid» cheios de cor e beleza ou inteiramente brancos imitando os desenhos e o acabamento do linho. Estas toalhas, protegem a mesa de nódoas e manchas, lavam-se facilmente e assentam admiravelmente em nada se assemelhando ao oleado.



BETHENCOURT BROS. LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO



Não compre um chapéu qualquer!

Procure saber o que compra...



IMPÉRIO CRISOS AVIZ

são marcas de inteira confiança

FABRICA TRIUNFO
JOÃO DA MADEIRA

A venda nas seguintes casas:

LISBOA — J. Mendes Loureiro H.ª — Rua de Alcantara, 43; J. Nunes Corrêa & C.ª, Ltd.ª — Rua Augusta, 250; Casa Natal Ltd.ª — Rua da Palma, 6; H. Branco V. Barros — Largo do Corpo Santo, 12; Camisa d'Ouro — Praça do Brasil, 15-A; Marques & Antunes — Rua da Graça, 89; Camisaria Moderna — Rossio, 110; Camisaria Confiança — Rua Augusta, 284. PORTO — Estabelecimentos Lemos — Praça da Liberdade; Camisaria Confiança — Rua de Santa Catarina. ALCOBAÇA — José Bento da Silva. PORTALEGRE — Manuel Grade Ribeiro. SANTAREM — A. Sampaio. VIANA DO CASTELO — Carneiro & Irmão, Sucr. VISEU — Antonio da Silva. VILA REAL — Castelo & C.ª. GUARDA — Antonio Guedes. BRAGANÇA — Antonio José Faria.

A C. P. oferece-vos

O VIII EXPRESSO POPULAR

em 23 de Julho

LISBOA-FIGUEIRA DA FOZ E VOLTA por 30\$00

Marcação de lugar..... 2\$50

Bilhetes à venda na estação do Rossio (Informações), 1.º andar — Esclarecimentos pelo telefone 2 4031.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

Pele e Sífilis — Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenç. nerv. electroterapia — Dr. R. Loff, 3 h.
Medic. coração, pulmões — Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia. Operações — Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, v. urinárias — Dr. M. Magalhães, 12 h.
Doenças dos olhos — Dr. Mario de Matos, 2 h.
Garg. nariz, ouv. — Dr. F. Calheiros, 3 e 30 h.
Estomago e intestinos — Dr. Mendes Belo, 4 h.
Doenç. das crianças — Dr. Silva Nunes, 5 e 30 h.
Doenças sr.ªs operações — Dr. O. Afonso, 2 h.
Boca, dentes, protese — Dr. A. Lima, 12 h.
Raios X — Dr. Aleu Saldanha, 6 h.

ANALISES CLINICAS
TELEFONE 2 6519

Atum em Azeite ?!

PURO DE OLIVEIRA

Só TENORIO...

Recomendavel tambem aos debilitados

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

ATENÇÃO

SRS. BARBEIROS E CABELEIREIROS

Recomendamos que é na mais antiga e conhecida perfumaria Viuva de José Dias, que se encontra o mais completo sortido de aparelhagem da sua arte, constando este, de navalhas, niquelados, algodão e todas as perfumarias, fornecidas aos melhores preços.

Lisboa — Rua dos Fanqueiros, 342 e 344

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

«Uma suave rudeza»

A opinião dum escritor brasileiro

sobre uma possível influencia literaria do Brasil

Mário de Andrade é um dos escritores mais representativos do Brasil de hoje, pelas características nacionais do seu espírito, do seu estilo e da sua linguagem. Musicógrafo, folclorista, crítico, contista e poeta, Mário de Andrade foi a primeira figura do movimento modernista no seu país — movimento que, em grande parte, se caracterizou pela nacionalização da arte e da literatura. A sua obra mais notável, «Macunaima», é daquelas, muito raras, que representam um povo.

A discussão, suscitada entre nós, sobre uma possível influencia literaria do Brasil, já nesse país encontrou eco. A prova é o artigo que Mário de Andrade intitulou «Uma suave rudeza» e que transcrevemos a seguir:

O que ha de mais desagradavel quando se escreve sobre uma literatura que não é a da gente é a predisposição para os erros de julgamento colectivo. Isto me parece inevitavel, mesmo aos mais informados, porque eu sou dos que defendem a tese de que é humanamente impossível se penetrar o sentido total do que não nos pertence, penetrar uma arte estrangeira em si mesma e isolada, com aquela «usualidade» com que compreendemos o que é nosso. Porque literatura, uma arte, uma escola, não é apenas uma procissão de indivíduos desconexos entre si e desrealacionados da coisa nacional em que vivem. Além de uma verdade individual ou universal, que eu poderei compreender e usar completamente, outras verdades existem no artista, de ordem social, nacional, regional e até de grupo, que jamais poderei re-sentir, tornar usual para minha entidade psíquica, de forma a compreender esse artista com exactidão. O caso de Fernando Pessoa, para esta cronica portuguesa, me parece característico do que afirmo. Os poucos brasileiros meus amigos, mais ou menos versados nessa notavel intelligencia portuguesa, se assombram um bocado com a genialidade que lhe atribuem certos grupos intellectuais de Portugal. Ora, nem portugueses nem brasileiros estaremos provavelmente errados nisto. É que Fernando Pessoa representa, em certos grupos portugueses, uma concretização de ideais multiplos que nos escapa. E desconfio que a infinita maioria dos portugueses o nosso Machado de Assis estará na mesma posição...

E por todas estas delicadas circunstancias, ao ajuizarmos de uma literatura estranha, surgem frequentes os erros de julgamento, as confusões de valores, supervalorização de temas e indivíduos, recordações indiscretas, saudades extemporaneas; e muitas vezes toda a nossa boa vontade, o nosso amor por uma literatura estrangeira causa aos seus co-nacionais, que assim se vêem dilacerados em sua integridade e corrompidos em sua significação vital, no mínimo um mal-estar instintivo bem bebado. Não tem duvida nenhuma que nós todos praticamos erros de julgamento, às vezes volumosíssimos, tratando da nossa coisa nacional. Mas a distincção é profunda porque, neste ultimo caso, nós exercemos um direito de vida naquella propria entidade que somos, ao

passo que no julgar da coisa estranha nós exercemos primordialmente aquella delicia bem subtil de desviver, que está na mais intima função da arte. De modo que o erro de julgamento, quando nacional, é usualidade, é pragmatismo, é verdade, ao passo que em referencia a estranhos é um erro, e nada mais.

E se os erros instintivos de julgar sucedem aos mais bem informados, o que não acontecerá com os que o são pouco! E poderei bancar de informado a respeito da intelligencia contemporanea de Portugal?... É certo que leio varias revistas e bom numero de livros portugueses de ténpera escolhida, mas já por si esta escolha é a primeira porta do erro... Agora mesmo tenho sobre a secretaria, ajuntados e lidos para a critica de hoje, alguns livros e revistas portugueses, que me foram enviados para este fim. Talvez nem convénha nomeá-los todos, porque a simples indicação de alguns irá causar o tal mal-estar nos meus bons e admirados amigos de Portugal.

E isto eu não quero porque os estimo com a mais quieta e desambiciosa das amizades.

O melhor é percorrer as revistas que a utilíssima Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, pela generosidade do sr. Antonio Amorim, me vai enviando regularmente. Portugal mantém actualmente uma colecção de revistas que reputo simplesmente admiráveis, tanto pela materia como pela impressão. Das officiais, «Moçambique» é um primor de apresentação artistica, só lhe faltando melhorar um pouquinho as reproduções fotograficas para se tornar tipograficamente perfeita. O «Boletim» da mesma Sociedade Luso-Africana, com menores ambições artisticas, traz materia mais naturalmente variada, e «O Mundo Português» vem sempre rico de documentação folclorica indispensavel aos brasileiros. Das revistas não officiais a que mais me entusiasma é «Presença». Nela se reúne um grupo de poetas, romancistas e ensaistas, de

optima e unida qualidade. Este n.º 53 que tenho á mão está simplesmente de primeira ordem.

Nele vem, aliás, um artigo do sr. Casais Monteiro, em que este poeta notavel se queixa de os brasileiros não entendermos suficientemente os actuais escritores portugueses, ao passo que estes fazem um real esforço para conhecer e estimar a produção nova do Brasil. Ora, as razões dadas pelo sr. Casais Monteiro, razões de ordem editorial, me parecem precarias. Ou melhor, muito insuficientes. E tambem não haverá um erro de julgamento no sr. Casais Monteiro atacar com importancia um certo órgão de intercambio luso-brasileiro que se publica entre nós, esquecido totalmente do que vem fazendo a «Revista do Brasil»? É um esquecimento que me soa como verdadeira injustiça. No ultimo numero desta revista quasi que havia mais escritores portugueses que brasileiros, e nomes que são justamente José Régio, João Gaspar Simões, Casais Monteiro, para só citar figuras das mais importantes do grupo de «Presença».

Mas, dado que haja maior interesse da parte dos portugueses pela nossa literatura que de nós para com eles, varias razões muito mais importantes que o problema editorial e mais profundas, justificariam semelhante suposição. É coisa incontestavel que a literatura brasileira actual se afasta violentamente do dizer português. Não vou já discutir o problema da lingua «brasileira», que, a meu ver, não existe, embora seja da maior verdade falarmos, de preferencia, em «lingua nacional». Não deixa por isso de ser menos verdade que muitos de nós erramos em português. Sei bem que para a lucida intelligencia do sr. Casais Monteiro e aos do seu grupo, este é problema que não interessa e fenomeno que compreendem. Mas o mesmo não se dá com a maioria dos portugueses para os quais somos sempre uns iconoclastas. E mesmo uma das maiores culturas linguisticas de Portugal vem-se demonstrando a respeito desse problema duma incompreensão larvar. No entanto, é intelligente!

Dai dois problemas delicados. É preciso que os portugueses, a-pesar de suas prioridades de mais velhos e mais gloriosos, tomem a iniciativa das aproximações. Além de absurdamente incompreendidos durante seculos e nos mantermos marcados por essa incompreensão, posso dizer mesmo, esse desprezo tradicional, a isso se acrescenta agora o problema da delicadeza. Como poderão inicialmente muitos escritores brasileiros enviar seus livros aos confrades portugueses, se sabem que lhes estão a maltratar voluntariamente o patrimonio linguistico? Buscar ser agradável sabendo desagradar será menos gentileza que má criação. E como resultante deste recato, um tal ou qual desistimento de saber o que vai por lá. Mas poderá o sr. Casais Monteiro me affiançar que, quando ele e seus amigos de «Presença» tomaram a iniciativa de se aproximar dos brasileiros, não foram correspondidos com intensidade de alma.



«A Virgem e o Menino», de Hans Memling, exposto no museu de Arte Antiga

(Ver continuação na pagina seguinte)

Coração de Montparnasse

(Depois de ler Francis Carco)

Gosto das moças bonitas
que têm pele de setim,
umas ancas estreitadas,
dois beicinhos com carmim...

Gosto das moças bonitas
— e elas não gostam de mim!

Gosto das pequenas feias
com vincos de pesadas,
que nem esticam as meias
nem cortam ramos de rosas.

Gosto das pequenas feias
quando vivem desgostosas.

Gosto das inexpressivas
que ficam lisongeadas
e logo nesses cativas
ao serem cumprimentadas.

Gosto das inexpressivas
que se cuidam namoradas...

Não desgosto das honestas
(quando não o são p'ra mim)
cujas mãos não sabem festas,
mas as aprendem, enfim...

Não desgosto das honestas
com quem não se chega ao fim.

Mas amo muito—amo tanto!—
essas caras demarcadas
por sulcos de muito pranto,
por pressões de bofetadas,
—onde nem nos causa espanto
o sinal das navalhadas!
Onde o sorriso é quebranto
e as côres são pinceladas!

Essas é que eu amo tanto,
que lhes dou minhas baladas
e meu sentir e meu pranto
e estas carnes descarnadas.

RODRIGO DE MELO

(Do livro «CÍRIOS» em preparação)

AS AVENTURAS DO TRINCA-FORTES

Camões esteve em Moçambique

Na sua *Década VIII*, que ele reescreveu, tinha 72 anos (a idade, pouco mais, ou menos, em que Hokoussai, o genialíssimo pintor do século XVIII japonês, «*louco de desenho*», dizia que «começava ainda a aprender»), — na sua *Década VIII*, que ele reescreveu, por lhe haverem roubado o manuscrito original, — refere Diogo do Couto, sobre o seu *matalote* e amigo Luiz de Camões, isto que segue:

«Em Moçambique achámos aquelle Príncipe dos Poetas de seu tempo tão pobre que comia de amigos e pera se embarcar pera o Reyno lhe ajuntámos os amigos toda a roupa que houve mister, e não faltou quem lhe desse, de comer, e aquelle inverno que esteve em Moçambique acabou de aperfeiçoar as suas *Lusiadas* pera a imprimir...

... como este homem teve sempre estrela de poeta que he serem todos pobres, e hua natureza terrível, ou tinha alguma propriedade natural que afastava os homes de lhe fazerem bem e enfim pouca ventura... ficou em estado de viver desmolas de algumas pessoas...

Creio que poucos portugueses, cujos feitos heroicos ele tornou conhecidos, com o seu poema, de extremo a extremo do vasto universo, — saberão desta circunstancia da estada em Moçambique, do filho barbiruivo de Simão Vaz de Camões, de cabelo «tão louro que tirava a acafroado»; do assomado provedor dos defuntos e ausentes, que morreu de miséria, com um lençol com que cobrir-se, na pobre casucha da Mouraria, na Lisboa afilada e convulsiva do depois de Alcacer-Kibir, a 10 de junho de 1580.

... Poucos portugueses conhecem esta circunstancia, mas não a ignora um estrangeiro, o senhor Aubrey G. Bell, que, a proposito do iluminista idílico das *Rimas* e do chasqueador gentilhomem de *Elrei Celeuco*, produziu um trabalho da mais depurada honestidade critica, aparecido ha uns três anos no escaparate dos livreros.

E' um inglês que, fascinado por essas duas maravilhas, que na facha do

chão lusitano, limitada pelos fragores melodramaticos da agua, a suscitar lendas de silfides no Algarve, e pela cascalhada de riso auroral, ecoando a todo o longo do Minho fronteiriço, — a inconsequencia milenaria dos homens e a sua péca fatuidade não conseguiram ainda adulterar ou repelir: o céu azul e o clima paradisíaco, — fascinou por essas duas maravilhas, encasulou o seu destino entre as quatro paredes caídas dum *cottage*, creio que p'ros Estoris...

* * *

Esse estrangeiro, pois, não ignora a estada em Moçambique, do poeta famélico, que salvou a nado o manuscrito das suas estancias, como historiam certas oleogravuras enfáticas, figurando-o já com a coroa de louros.

Não ignora isso, que muitos de nós não conhecemos.

E no entanto, quantissimos volumes, para lá dos Pireneus, se teriam escrito, a coscuvilhar, em todos os seus portamentos, essa permanencia de dois anos!

Onde teria ele residido?

Que convento, povoado de *sombras* bemfazejas, a esfiarem a moinha dos terços com pequeninas contracturas de dedos *liturgicos*, enfebreçadas de todo o vermelho e de todo o oiro das laudas dos antifonarios, — que convento é que lhe proporcionaria o caldo dos pobres, nos interminos dias descaroaveis, em que já falhou todo o recurso ao bolsinho facilmente retratil dos amigos?

Que Sulamites esquivas, moldadas num étano ardente, e tendo nos olhos esse reluzir de terciopelo, reforçado duma cintila de minério, dos que nasceram sob céu equatoriais, — lhe haveriam trazido, na elipse espasmica dum abraço, o opio anulatorio dos amargores do despeito, ante os Sonhos inúteis e a altivez escarnecida?

Que lugar escolheria ele, no alto dum penhasco, para, nas tardes de desvalro, entre o agonizar sumptuoso dos solis e a gravidade violeta do grande plano liquido, já a contaminar-se

dum pressentimento de noite, — procurar discernir nas miragens do horizonte, o corpo feiticeiro da escrava chinesa, a linda Barbara, que ficara, lá longe, amortalhada nos enrolamentos frigidados das ondas, presa preciosissima de naufragio, Ofelia lunar em assunções de mito shakespeariano?...

Quais os livros que leu, na absorção doce-amarga das vigílias, quando no ir e vir do pensamento, duma pagina para outra pagina, espectros e mesquinhas da vida má se pulverizam, hediondez de desconforto se patinam de doirado, e não ha pobre diabo que não se sinta o Cesar dum imperio faustoso de possibilidades?

Quais os minguens, que o maltrataram, e vendo passar, esmagada de fomes, aquela silhueta de derrota, estapafúrdia, a desenhá-la, diriei, como que um esquema geometrico de infandadas humilhações; vendo passar aquele pelitrapo mal-amanhado em vestias de acaso, com a costura picara na face, demarcando o sitio do olho direito, perdido no «*infesto fogo*» de Seuta, — chocariam nos bolsos as moedas, que o tornariam feliz, porque lhe atribuiriam isto que vale quantas vezes mais que todas as bemaventuranças da motoriedade: uma certeza de almoço?...

* * *

Como seria bom podermos estar informados sobre todas estas coisas!

Ah, este descaso, esta falta de vocação para nos interessarmos pelos pequeninos incidentes, pelos infinitesimos da minucia biografica, com que as nações das fortes raças especulativas, sabem construir o essencial das existencias dos seus Superiores, tornando, por assim dizer, o minimo numa equação inequivoca e flagrantissima do maximo — não é um sintoma secular do português?

Será, talvez, por isso, por este não haver nada sobre coisa nenhuma, por este cuidar que não nos fica bem preocuparmo-nos com «detalhes escusados», para não darmos a impressão de que somos curiosos, — será, talvez, por isso, que já não sei que ceptico argumentava, numa hora nihilista de enfado:

— Até á Renascença, que grande país este ocidente da Península! Que norteador de energias! Que condestavel garboso de Aventuras! Uma espada e Espirito! Um taçalho de vela a drapejar na sua nau, com o homem cismático, esculpido em negrume no seu tabardo escuro, a cravar os olhos obstinados na Esfinge, que se esquivava, certa já de que ha-de, *alfim*, vir a render-se; com os olhos duros, esfalmados de mais longe, sempre, sempre; — um taçalho de vela a drapejar na sua nau, e o Mundo todo fôr dele!

Depois disso, só cozinhas e arremêdos de arremêdos!

Porque digamos: um tão extraordinario complexo de cultura e sensibilidade, como foi o cantor desgraçado dos *Lusiadas*; com o seu intenso humanismo erudito que lhe tornava possível expressar-se (diz Aubrey Bell) em quatro ou cinco linguas diferentes: português, castelhano, italiano, latim e talvez grego; podendo disreitar sobre historia, filosofia e mitologia classica, como os mais doutos do seu tempo (a cada passo o Poema magnifico trai a esplendência de sabedoria tammanha; todo ele o que é senão a suma da universalidade de conhecimentos de quem o tracejou, minado de carencias, esbofetado por todas as solerias clinicas da má-sorte?!); este mestre maravilhoso de harmonias inéditas, que foi o porta-voz das aquisições extraordinarias desse extraordinario século XVI, o que representa ainda para boa parte de conspícuos bons-senhores? Um paradigma apenas de «unioculados».

Raro o que, ouvindo a respeito de *Fulano*: — falta-lhe um olho, — não sinta, irreprimivelmente, a tentação de juxtapor: — Bem sei! E' «camões»!

Sofreu as mortificações humilhantes da miséria, e a tiritar de desconforto, deixou a vida, tinha 56 anos, num casinhola mal mobilado da Mouraria, a 10 de junho de 1580.

Pobres grandes homens, que como recompensa póstuma dos seus infortúnios, cá por baixo, logram, quando muito, poder dar lugar a um feriado!

CARLOS PARREIRA

A opinião dum escritor brasileiro

(Continuação da pagina anterior)

Mais intensidade de alma que de compreensão, talvez... E surge o novo problema delicado. A diferença de posição social entre o artista brasileiro e o português, nem é diferença, é abismo. Portugal pode muito bem ser que atravesse um periodo de afirmação nacional, e talvez seja resultante disso, um certo esquecimento dos novos portugueses por mestre Aquilino Ribeiro. A nós, brasileiros, isso parece injustiça. Raro o nome do grande romancista comparece na boca dos novos, e quando surge é com um certo respeito desatento. Mas pensando bem, talvez este erro de julgamento seja «necessario» aos novos portugueses. A mim me parece que Aquilino Ribeiro representa uma significação concentrada da terra portuguesa, e até do «terroir», enfim, um nacionalismo por encurtamento do sentido português, que deverá ser ofensivo aos novos, em cuja afirmação portuguesa predomina o valor excentrico do mar—essa aura nova de universalidade tradicional, que será talvez o elemento mais característico da nova literatura lusitana. Não escrevi á toa a palavra «lusitano». Não estará na psicologia, até politica, deste Portugal novecentista, a aspiração de ser mais «luso» que propriamente «português»?... Quero dizer, sem a menor censura: se dar um destino racial expansionista escolhido dentro da lição historica?...

Pois bem: ha no escritor brasileiro, não o desejo de afirmação nacional, sómos até desleixados nisso, mas em compensação nos apaixonamos, nos envaldece, nos conforta a nossa puberdade. Ha no escritor brasileiro a paixão da sua puberdade. E' incontestavel que a nossa literatura está entre as mais ricas da America, e que a nossa musica não sofre comparação deste lado do Atlantico. Suponhamos que

o artista brasileiro esteja um pouco... delirante, não haverá possibilidade de os portugueses nos perdoarem por algum tempo este delirio? Inda mais, poderão os portugueses compreender que se a nossa literatura não lhes faz mal nenhum, a deles pode nos ser, no caminho da nossa puberdade, um perigoso descaminho? O escritor português é secularmente português em sua literatura. Leio, por exemplo, este encantador «Carnaval Literario» do sr. Teixeira Gomes (ed. Seara Nova, Lisboa, 1939), que tradição! O sentimento imediato é o de um Bernardes leigo, e de toda uma literatura fradesca que tinha sufficiente descansa de espirito para criar todo um museu de estilos pessoais, igualmente admiráveis. Essa mesma literatura que, já no século XIX, nos deu, não apenas um, mas varios estilos á procura de assunto.

Quererá aceitar o sr. Casais Monteiro esse drama dos escritores do Brasil? Um escritor português tem um grande passado que não só lhe determina a força expressional como lhe evita se contagiar com as más companhias. Um erro gramatical, um estilo brasileiro não é, para um escritor português, convite ao erro. Mas para nós os portugueses não representam apenas uma actualidade misteriosa e estrangeira que podemos contemplar sem perigo. Os portugueses são para nós todo um passado, um passado proximo e por isso mesmo perigosissimo, um eterno e sedutor convite a «acertar em Portugal e errar no Brasil», como no epigrama. Me permita o meu admirado poeta e tão bom amigo, Casais Monteiro afirmar esta verdade, hedonisticamente repulsiva, mas pragmaticamente indispensavel: qualquer enlévo mais assiduo que sintam agora os escritores brasileiros pelos seus camaradas de além-mar será dissolvente da nossa realidade, ao passo que nós não podemos represen-

tar para Portugal nenhum veneno. E por esta opinião não posso compreender porque o sr. José Régio perdeu tanto tempo, pelo ultimo numero de abril dessa outra valiosa revista que é «Seara Nova», em discutir e condenar uma «possível influencia do romance brasileiro na literatura portuguesa». E' certo que o notavel escritor reconhece não ter partido de brasileiro essa pretensão ridicula, mas que o sr. José Régio chegue á infelicidade de perguntar se «a moderna literatura brasileira será mais rica do que todas» no que falte á literatura portuguesa contemporanea, me parece pelo menos malvadice. Desejaria o sr. José Régio que eu preguntasse aos ventos se é nos sonetos do sublime Antero que nós, brasileiros, deveriamos buscar as bases da nossa formação filosofica? Ha desproporções que não se dizem sem correr o risco de ferir. Ferir inutilmente.

E' possível que haja falhas na literatura portuguesa actual, e sempre lhe faltaram figuras fundamentais do pensamento puro. Mas Portugal tem hoje ensaístas esplendidos, entre os quais lembro logo o sr. José Osorio de Oliveira, não por ser particularmente grato, mas pela macieza do estilo e a verdadeira volupia com que se deixa pensar. E na poesia, então, Portugal conserva galhardamente aquela força, incomparavel na latindade, com que já produziu alguns dos maiores liricos do mundo. Só Portugal conserva ainda a boa tradição do soneto. Mas também é certo que jámais aprendeu o segredo de metrificá-lo alexandrinos. Coisa que me veio trazer violentamente á memoria a reedição da «Arte de Amar», de Ovidio, traduzida por Castilho Antonio (Veechi Editor, Rio, 1939). Rítmicos «de zabumba e caixa», como dizia Castelo Branco, duros, sem aquela rica elasticidade do alexandrino brasileiro. Mas porque tantas comparações?... MARIO DE ANDRADE

Bibliografia

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

O Carmo e a Trindade, de Gustavo Matos Sequeira.

O autor é dos que, com mais afincio e erudição, nos tem ressuscitado essa velha Lisboa, de muitos séculos e de varias idades de tipos, costumes e aspectos arquitectónicos, em prosa sugestiva, que porventura encontra um simile nos cronicos legendados do classico. Entre muitas obras monumentais destacam-se o *Depois do Terramoto*, e agora este *O Carmo e a Trindade*, historia dum dos bairros mais famosos da cidade, predestinado para ser lugar eleito de peralvilhos e casquilhos, nas ultimas decadas do nosso tempo.

Quem conhece Matos Sequeira, a sua probidade, a sua certeza, a maneira pitoresca que tem de dar o traço incisivo duma epoca, descobrir uma rua, que já não existe no roteiro, numa palavra, de fazer paleontologia architectonica com uma velha pedra, e tudo estar certo, exacto, não tem quaisquer duvidas de que este seu novo livro é um estupendo documento da historia citadina. Mas ha que lê-lo, não, apenas, os eruditos amigos de Lisboa, mas todos nós que a amamos, e para quem estes estudos apaixonados são, a-final, um verdadeiro romance. Nada foi inventado! O que seria este Chiado, no século XIII, e depois, sucessivamente, nos outros, até ao século XVII? Matos Sequeira identificou tudo. Fala-nos de Nun'Alvares, da pedreira onde foram arrancadas as pedras do convento, da ruazinha ingreme, com edificações mouriscas, entre almoimhas e vergéis, aqui no Camões, além no Loreto, onde hoje passam, orgulhosamente, os automoveis e os camiões-tanques, de 1939.

O Carmo e a Trindade agora publicado, com imensos desenhos e gravuras, é a primeira jornada. Gustavo de Matos Sequeira completará a obra com mais dois volumes, chegando à actualidade.

Felicitemo-lo vivamente por mais este serviço prestado ao tombo olisipografo.—(Edição da Camara Municipal.

Carolina e a partida para as ilhas, por Félix de Chazournes.

Estamos perante um dos mais belos romances de amor que as letras francesas têm produzido nos ultimos anos.

Carolina e a partida para as ilhas, de Félix Chazournes (Premio «Fémica» de 1937), é daquelas obras que afirmam um grande escritor e uma nobre sensibilidade. Não ha nela o sentimentalismo piegas, a insipidez psicologica de tanto livro denominado *romance de amor*. Ha, sim, vigor de entrecho, desenho forte, mas delicado, das figuras, e, sobretudo, um ambiente dramático tão cheio de nobreza, de resignação e de força moral, que faz do livro uma autentica obra prima.

É difícil, no genero, escrever-se obra mais emocionante e mais delicada. Carolina, a figura central do romance, vive, sofre e resigna-se tão naturalmente e num ambiente psicologico tão cheio de beleza, que nos deixa tocados, como figura da nossa intimidade, muito querida e muito infeliz—tanto mais querida quanto mais infeliz—, a quem, na vida real, tivéssemos acompanhado através de todas as vicissitudes, respirando a fatalidade do seu desespero e sofrendo com a impossibilidade de remediar um destino mau e imerecido.

«Carolina» é, por tudo, um belo romance, digno de todas as preferencias.—(Edição «Inquerito»).

Do livro «MALICIA SEM MALDADE»

Em rigor, pedir a opinião dos outros é procurar razões para não seguir senão a nossa.

JOAQUIM MANSO

Um dia de sol**Conto de Maria Archer**

Amavam-se.

Ele pensava continuamente em dizer-lhe que a amava. Escolhia o cenário. O ermo, num dia de sol... Ela gostava do mar.

— Você quer ir dar um passeio á Caparica?

O dia de sol veio no fim de abril. Um dia lindo, azul e oiro, quente, sem vento.

Ele voltou a falar na Caparica. A canção do mar soou aos ouvidos dela como acompanhamento orquestral. Pensou: Eu, ele, e o mar... Um deslumbramento!

Sentia uma onda a rolar, triunfante e dominadora, da alma dele para a sua alma.

— Pois vamos á Caparica. A' hora do sol. Gosta do mar? É uma maravilha, e então quando a agua cintila como se tivesse escamas...

Ele, sempre que a via, gostava de tudo de que ela gostasse. E de tudo o que ela dizia. Da voz, ainda mais. Porque gostava dela.

— Tudo o que brilha e tem cor é lindo...

A agua chapinhava a escadaria de pedra do Cais das Colunas. Uma agua azul, de lago, uma agua cantante. Entraram num barco rasteiro. O Tejo era um mar azul. Seguiam resvês da agua, entre gaiotas. Umas baloiçavam-se na corrente, repousadas, como sultanas em coxins de veludo, outras erguiam-se em revoadas tontas, estridentes de gritaria, perseguindo em bando o cibo invisível. Cardumes de peixes miúdos prateavam a corrente e desapareciam nas aguas. Passavam embarcações. Todo o azul do rio se animava duma vida misteriosa e fantastica, com as gaiotas, os peixes, as velas brancas enfunadas pelo vento, o traço negro do fumo dos vapores. Eles também sentiam em si uma vida misteriosa e fantastica.

Iam de braço dado, em pé, á pópa do barco. A cada guinada a luz variava, saíam do sol, saíam da sombra. Ele tinha na face uma cor mais rosada. Os olhos dela derramavam um brilho mais liquido. Frio á sombra. Calor ao sol. Quando o balanço os unia sentiam sempre o sol.

Lá se ia embora o casario da cidade, o monstro de mil cores, a fundir-se numa só cor, a diluir-se no sol. Os outeiros da Outra Banda chegavam-se, maneirinhos e verdes, com pingas de esmalte multicolor na alcatifa primaveril. Cheirava a maresia e a alcátrão.

— Perfume de viagem, dizia ele, que lembra um cruzeiro por ignotos mares. Que bem me sabia uma longa viagem com Você...

O automovel ia devorando a estrada. As giestas floriam nas beiras, como debruns dourados. Ao longe surgiu a escarpa das terras altas, majestosa, a recordar o tempo em que ali se detinha o mar. O pinhal não tardou a manchar o horizonte. Ela respondeu:

— Também a mim... E com Você... Por estradas sempre floridas, com pinhas ao lado, o sol a brilhar...

Ouviu-se o canto do mar, numa surdina embaledora e feliz. Vinha de perto, coado pelas ramarias dos pinheiros, espraído pelo areal. O céu tornou-se mais azul. A cor da terra esbranquiçou-se. Ele disse, com a cara em fogo:

— Podíamos tomar banho...

Ela sentiu-se nua, com milhões de olhos fitos no seu corpo, e toda a luz do sol a iluminá-la.

— Não trouxe fato de banho...

Ele affectou um olhar distraído sobre os campos, a estrada, o pinhal:

— Não é uma razão. Querendo Você...

A frase ficou no ar. Ela não respondeu. Um momento depois mostrou-lhe a quinta de Santo Antonio:

— São as primeiras casas da praia...

Desceram do carro á entrada do areal. O gentio aproximava-se farejando os forasteiros.

— O patrãozinho quer alugar? Já tem casa?

Ele apertou-lhe mais o braço. Uma casa, hein? Uma casa para ambos... Uma casa cheia de sol...

Não cobria o areal o taboado que serve o banhista, no verão. Até ao mar era um bom bocado. Areia, branda, solta, de mau piso. Ele ofereceu o braço:

— Você vai melhor assim...

A duna resplandecia, chapada de sol, corcada de vegetações agrestes, selvatica e bela. A praia resplandecia, enorme, solitaria, maravilhosa, alongada desde o Bugio ao cabo Espichel. Uma estrada de oiro para cavalgadas

de deusas. O céu e o mar do mesmo azul, cintilavam do mesmo sol. Velas brancas nos longes. As prós de dois barcos, curvas como colos de cisnes, aproximavam-se á força de remos. Grupos de pescadores, tismados de sol, curtidos das invernias, a perna ao leu, as cordas da sirga nas mãos, passavam lepidos pelo areal endurecido da maré.

— Vão puxar as rédes. Você quer ver o pescado?

A gura faina começou. Os homens curvavam-se sob o esforço, com gritos roucos.

— He, e, e...

A réde vinha subindo, lentamente, do fundo azul do mar, entrava na zona rendada da espuma, espalhava-se na praia dourada do sol. O peixe saltava na réde, em ansias, como pequenas chamas de prata. O sol chispava nos dorsos prateados dos carapaus. Os pescadores abriam a lota. Uma vida estranha e misteriosa enchia a praia. Os pescadores, a pesca, o mar, os naufragios... E os peixes monstruosos que devoram homens... E os peixes miúdos que mordiscam os afogados... Eles sentiam na alma, também, uma vida estranha e misteriosa.

Fôram andando, areal fora, rentes á espuma, contornando as ondas, olhos perdidos na solidão esplendorosa. Mais além era a solidão. E ele ainda lhe não tinha dito que a amava... Buscava um isolamento maior para falar de amor. Barcos nas ondas, com seu ritmo de trabalho, rédes, pescadores, peixes, azafama num ponto do areal imenso, tolhiam-no, como se o grupo humano que vinha ao pescado da maré da tarde, na Caparica, fôsse a multidão transbordante das cidades.

— Como Você é bonita! Ha mais luz nos seus olhos do que em todo o céu...

Ela murmurou:

— Estamos longe...

Voltaram pelo trilho dos passos andados. A maré baixava. Num régo, cavado pela onda na areia, calhava-se um corgo cristalino. Ela hesitou:

— É' largo. Não posso saltar. Damos a volta.

Ele pegou-lhe em peso e saltou com ela nos braços.

— Pronto!

Ela sentiu-se voando, como se fôsse raptada nos braços dum deus.

— Você é forte! Eu gostava muito de ser forte...

A praia tornara-se num deserto. Eles sós, na estrada de oiro, e mais ninguém, do Bugio ao cabo Espichel.

— Você quer subir á duna, para ver os campos do lado de lá?

Os pés metiam-se pela areia fôfa. Cada passada era um esforço. Eles não sentiam o esforço.

A crista de mato seco deu-lhes passagem. Já não viam o mar. A campina plana estendia-se em frente.

— Além é o convento... O dos Capuchos.

— E ali é a quinta da Pereirinha...

— A estrada de Cacilhas...

De subito ele pediu:

— Sente-se um bocadinho... Está calor. Descanse á sombra deste tufo mais alto.

Ela, ao sentar-se, ainda disse:

— Não se vê ninguém... Você distingue a povoação?

Ele respondeu, já nervoso:

— Não... Ouça uma coisa...

O canto do mar enchia a amplidão. Não havia no mundo mais do que uma prega da duna, o canto do mar, e ela e ele.

* * *

Pela tardinha levantou-se o vento fresco que anuncia a noite. No mar violeta o sol agonizava, espectacularmente, espalhando no céu luxos imperiais de púrpura dourada. A lua surgiu detrás dos Capuchos, curiosa, indiscreta, com um tom de rubor na face.

Os pescadores voltaram de novo á praia. Os barcos de prós recurvas como colos de cisne afastaram-se nas aguas sombrias, abrindo as velas na luz violeta.

Eles desceram da duna.

— É' tarde...

— Não é... Dá-me outro beijo...

— Tens frio, meu amor?

— Não faz mal... Dá-me outro beijo...

MARIA ARCHER

Missiva

Mais uma tua carta! Que prazer!
Como a li e reli, atordoado!
Mais novas desse Egipto enfeitado,
que teu pai caprichou em conhecer!

«É' impossível — dizes — descrever
toda a estranha grandeza dum passado,
que fez deste país maravilhado
uma fonte de assombro e de saber!»

Depois, falas, em extase, do Nilo,
da magia do sol, vivo e intranquilo,
tão rubro, de fulgôr, como o carmim!

Mas tudo isso, afinal, pouco me int'ressa!
O que eu quero é que venhas, bem depressa,
p'ra te ver, fresca e linda, ao pé de mim!

SERAFIM LOPO

Incerteza

Vou-me casar. E desde que este facto
bem publico e notório se tornou,
á minha volta tudo se mudou
no tempo, no lugar e no retrato...

Há quem lembrando o muito que lhes dou
partilhe já venturas desse acto;
e há quem veja lágrimas no prato
do incerto futuro para onde vou...

Eu tenho para mim que é prematura
quer a tristeza de uns, quer a ventura
dos outros que me invejam a partida...

Vou-me casar: não fujo á minha sorte.
Darei depois se disse adeus á morte,
darei depois se disse adeus á vida!

MARIA OLIVIA BARBOSA

(1.º premio do concurso «Mulheres Portuguesas»)

OS LIVROS DA SEMANA

I—A verosimilhança da vida e a verosimilhança do romance

Não sei se o leitor de romances já reparou. Se não reparou, repare. Quando se lê um bom romance têm-se sempre a impressão de que as coisas que acontecem não estão ali nas páginas do livro: cada um de nós imagina, a seu modo, o local onde decorrem. Quere isto dizer que o leitor de romances sabe que essas coisas são imaginárias? Não. Eis aqui a magia dos bons romances: lendo-os, o leitor é levado a criar, inconscientemente, uma realidade. E' nesse mundo real criado por ele que ele vê as personagens e assiste ao desenrolar dos seus dramas. Tão poderosa é a sugestão exercida nele pela leitura que, de futuro, será levado a pensar que o romancista lhe não diz tudo: insensivelmente acaba por acreditar que o romancista tem um papel secundário na história que conta. Assim o bom romancista pode aparecer aos olhos do leitor como um simples cronista. A história que ele conta não é filha da sua imaginação. Pelo contrário: ele nada imagina—está ali a relatar-nos humildemente uma história verdadeira ocorrida algures.

Não sei se me faço compreender. Estou certo de que os leitores de romances me compreenderão. Quem talvez me não compreenda são os romancistas: certos romancistas. Esta convicção de que o romancista não circunscreve a realidade das personagens e dos seus dramas às páginas do livro faz com que o leitor seja um precioso colaborador do romancista: o leitor vê muito mais coisas na obra do que aquelas que o romancista lá pôs. Quando ele lhe descreve uma casa, dizendo que essa casa é pequena e tem as paredes pintadas de amarelo, o leitor vê uma casa especial, que não é só pequena nem tem só as paredes pintadas de amarelo: vê, com certeza, uma casa com certa fachada, certas janelas, certas portas. Muitas vezes identifica a casa do romance com uma casa numa rua muito sua conhecida. Eis como o leitor colabora com o romancista. Assim como ele imagina a realidade do romance associando as coisas que nele lhe aparecem com coisas que já conhece da realidade, também acredita que o romancista não tenha inventado aquilo em que lhe fala. Crê imediatamente que o romancista conheceu aquilo que lhe está a mostrar.

Mas isto acontece nos bons romances. E' mesmo porque isto acontece que se diz de certos romances que são bons. Por que não acontecerá em todos? Não é a primeira nem a segunda vez que procuro aqui esclarecer este problema. Pode dizer-se que é o problema fundamental do romance. Só quem sabe criar esta convicção no leitor é realmente romancista. Estamos, por conseguinte, perante aquilo a que se pode chamar o *genio* do romancista. E esta palavra inibe-nos de outras explicações: o *genio* não se explica. Não se ensina ninguém a ser *genio*. Impossível ensinar-se a fazer bons romances quando o *genio* está ausente.

E' certo, porém, que o que me preocupa aqui não é ensinar os escritores a ser *genios*. Seria um intento tão pretencioso como vão. Preocupa-me, sim, mostrar como são fundamentais certas restrições que nesta página costumo fazer. Quando digo, por exemplo, que tal atitude de uma personagem de romance é inverosimil não quero dizer que essa inverosimilhança esteja na vida: a vida está cheia de *inverosimilhanças verosímeis*, deixem-me dizer assim. Como apreciador de romances que sou, a inverosimilhança a que me refiro é a inverosimilhança da realidade descrita neles. Se digo, por exemplo, que a história de tal homem que partiu para a cidade e venceu não é verosimil é porque essa história está mal contada. Não quero dizer, evidentemente, que não haja muitos homens que tenham descido à cidade e tenham vencido. O homem da tal história é que não podia ter vencido; pelo que nela nos contam tinha de ser derrotado. E' certo que tudo é possível nas passagens desta vida, como diz o fado. Mas a vida é uma coisa, o romance outra. Quando se escreve um romance há que contar nele verosimilmente «as passagens desta vida». Caso contrario diremos que aquilo que se nos conta é impossível: a vida tem o direito de ser inverosimil, o romancista que a reproduz não. Suponhamos, por exemplo, que o romancista nos dizia que o seu herói descera à cidade com duzentos contos na algibeira, que montara um estabelecimento, que tinha clientela, que era económico, que se não deixava roubar e que estava arruinado. Perante isto, que pensaríamos nós? Ou que o romancista não nos dissera tudo sobre a vida deste homem deixando-nos à beira de um misterio que mais tarde se esclarecia, ou então, teríamos de concluir, sem delongas, que a história deste homem é inverosimil. Não importa que tenha havido—ou haja—um conhecido do romancista a quem ocorreu um percalço destes. Tal percalço tem de ter uma explicação. Esta, por exemplo: esse homem era casado com uma mulher prodiga: tudo quanto ele ganhava, gastava-o ela. Esta seria a explicação do misterio. Na vida um tal caso não

CADEIA ETERNA

romance por BARROS FERREIRA

era inverosimil: era-o no romance. O romancista esquecera-se de nos mostrar um pormenor fundamental: esquecera-se de nos falar nos esbanjamentos da mulher do logista. Eis como este caso, verosimil na vida, era inverosimil no romance.

E' a isto que eu chamo *inverosimilhanças*: com *inverosimilhanças* destas não se podem escrever bons romances. O leitor é credulo, na verdade: mas só acredita em factos concebíveis pela sua imaginação. A sua credulidade é proporcional ao grau de verosimilhança da história que lhe contam. Quanto mais verosimil for a história mais facilmente o leitor aceitará como reais as coisas que lê.

II—A verosimilhança é difícil

Aqui está como um dos elementos fundamentais do *genio* do qual se escrevem bons romances é a verosimilhança. E' fácil ser verosimil? Não. E' difícil. Porquê? Porque a verosimilhança que se exige ao romancista é feita de subtilidades só comparáveis às subtilidades da própria vida. Se pautarmos a nossa vida por normas que nos escravizam, mataremos a vida em nós próprios. Já não vivemos, trabalhamos automaticamente; somos máquinas. Eis o que acontece ao romance quando o romancista lhe impõe uma verosimilhança metodica. As suas personagens passam a praticar actos de automato: o proprio acontecer do romance será mecanico. Não basta, pois, ser verosimil: é preciso deixar que a verosimilhança se realize por si mesma. Para isso, é mister que o romancista se não imponha à vida das suas personagens; deve colaborar com elas, obedecer-lhes.

Mas como? Como há-de um romancista obedecer aquilo mesmo que cria? Eis o segredo do tal *genio*. Melhor ou pior, mais cega ou menos cegamente, o romancista tem de obedecer às suas personagens. De outra forma o leitor não poderá ler um romance esquecido de que o lê. O romancista tem de saber mostrar-lhe a realidade como se fosse a propria realidade que se lhe mostrasse. Eis o segredo de Tolstoi, por exemplo, que fez dizer a Charles Du Bos que se a vida se exprimisse a si mesma se exprimiria como Tolstoi a exprimiu.

III—O estilo e a verosimilhança

Quere dizer: tudo isto está intimamente relacionado com o problema do estilo. Em ultima análise, tudo depende do estilo. O romancista serve-se de palavras para nos mostrar a realidade: as palavras são o seu material. Para que a realidade se exprima com a frescura do que é natural indispensavel é pôr o leitor ante realidades. «Nada mais facil», dirá o meu vizinho romancista. «Nada mais facil», direi eu. O homem tende a reduzir tudo a habitos seus. A janela do nosso quarto é um habito da nossa visão: já a não vemos. Temos dela uma imagem feita. Já não vemos os nossos amigos: vemos a imagem que o habito nos criou deles. Tudo se transforma em habitos: em lugares comuns. Aqui está como nos movemos no meio de realidades feitas convensão. Que é preciso para que as vejamos de novo? Pouca coisa, de certo. Para vermos a janela como uma realidade, basta termos de partir para uma viagem muito longa. Então despedir-mo-nos-emos do que nos rodeia com um olhar novo: um olhar que recupera a realidade. E' o que sucede com os nossos amigos. Se amanhã nos zangarmos com eles, vê-los-emos com olhos novos: vê-los-emos como se nunca os tivéssemos visto.

Aqui está como o romancista tem de nos mostrar a realidade com palavras suas. Se nota mostrar com lugares comuns, nada feito. Mas mostrar a realidade com palavras suas traduz-se no romance em mostrar a realidade por novos angulos. Importa não só que o romancista se não sirva de lugares comuns, mas também é indispensavel que nos mostre aquilo que não conhecemos ainda. Não se trata, contudo, de *fantasiar* a realidade. Trata-se de *imaginar* a realidade segundo uma visão ainda não

transformada em habito. Trata-se de dar ao leitor a ilusão de que o mundo se lhe abre idante dos olhos. E' claro que a dor de uma mãe que perde um filho é aparentemente igual em todas as mãis. Mas o romancista que nos queira mostrar a dor de uma mãe que perde um filho tem de nos dar a ilusão de que o sofrimento da sua personagem é diferente de todos os outros. O leitor só é capaz de ver com os seus proprios olhos aquilo que julga ver pela primeira vez.

IV—A acção e a narração

Nada disto é novidade para o leitor: por estas palavras ou por outras varias vezes tenho já abordado este assunto. Aparentemente não ha quem ainda me não tenha querido compreender. Não falo, é claro, desiludido com os vãos resultados da minha insistencia nestes pontos elementares da arte do romance. Nunca pensei fazer parar o mundo. Os romancistas portugueses lá sabem por onde vão. Oxalá cheguem onde desejam. Não creio, porém, que haja muitos portugueses habituados a ler bons romancistas em situação tão favoravel como esta minha para bem apreciar os maus romances nacionais: ha uns anos a esta parte que leio quasi todas as obras de ficção que entre nós aparecem. Isto me dá, naturalmente, autoridade especial para me manifestar sobre a orientação e os progressos do nosso romance. E' invocando essa autoridade que eu me atrevo a dizer que a maioria dos nossos romancistas despreza a verosimilhança; nem cultiva a verosimilhança nem sabe o que é mostrar-nos o mundo através de uma visão pessoal dêle. Eis por que se escrevem tão maus romances em Portugal.

Que diremos de Barros Ferreira, o autor do romance *Cadeia Eterna* (Editora Educação Nacional, Porto, 1939)? Ainda não ha muitos meses tive ocasião de me referir aqui a outra obra dêste escritor. Em pouco mais de um ano Barros Ferreira publicou dois romances e um livro de novelas. Ha progressos visiveis nesta sua ultima obra em relação às anteriores? Talvez. Barros Ferreira, como já tive ocasião de dizer, é um escritor bem dotado para a arte de ficção. Tem, pelo menos, uma qualidade apreciavel: sabe contar uma história. Isto, que parece coisa facil, é coisa bem difficil para a generalidade dos romancistas portugueses que eu tenho lido. Pelo menos são poucos aqueles que levam a narraçãozinha direita até ao fim. Barros Ferreira tem o merito de pegar num tema e desenvolver-lo com relativa facilidade e sem grandes atropelos à verosimilhança. Pode dizer-se, até, que na *Cadeia Eterna* não ha inverosimilhanças; isto é tanto mais extraordinario quanto é certo a intriga dêste romance ser longa e nada uniforme. Basta dizer-se que o primeiro episodio desta obra nos mostra o herói central dela com pouco mais de doze anos e o ultimo no-lo apresenta avô de um neto de três, senão estou em erro. O tempo que decorre entre o primeiro e o ultimo episodio é longo, embora não o sintamos correr.

Trata-se de um romance trepidante? Não. Infelizmente, não. Creio estar aqui o erro mais grave dêste romancista. Barros Ferreira ainda não descobriu que a sua vocação o impele para o romance de intriga e ritmo acelerados. Dotado de imaginação menos mal fadado por dons de observador, bafejado com a faculdade de se exprimir em poucas palavras, tudo nele parece competi-lo a pôr as personagens em acção. Mas, afinal, não é isso que ele está resolvido a fazer. Compraz-se, ao contrario, em narrar, pelo velho processo realista que substitue a acção directa das personagens pela *história retrospectiva*—toda a história é retrospectiva—a vida dos seus heróis. Eis como o primeiro capitulo da *Cadeia Eterna* parece estar ali de proposito para arrefiar o leitor. Quem o lê julga ir mergulhar num romance de acção trepidante: nem outra coisa era de esperar da obra cujo primeiro capitulo é a desorção animada de um naufragio. A bordo de um veleiro que de Lisboa se

dirige a Manaus viaja um rapazito: o veleiro naufraga e o rapazito é salvo com outros emigrantes e alçado para um porto do Brasil. Tudo indicava que o romance mantivesse este ritmo e que o leitor fôsse posto em contacto permanente com o pobre naufrago. Tal não acontece, porém. Após este primeiro episodio, o romancista deixa de nos *mostrar a acção*: passa a *narrar-nos a história*. Não sei se o leitor sabe o que isto quer dizer. O que o leitor não pode deixar de saber é que o desiludiram. A diferença é esta: na *narração* quem nos fala é o romancista—é ele quem nos resume a vida dos seus heróis, é ele quem nos refere as suas conversas, é ele quem nos diz as aspirações dêles. Coisa muito diferente ocorre quando o romancista nos mostra a acção. Neste caso são os heróis quem vive, são eles quem fala, são eles quem tem aspirações. Quere dizer: a melhor tecnica do romance é a tecnica de acção. E' certo haver romances meramente narrativos. Mas Barros Ferreira mostra com exuberancia ser muito melhor romancista quando *mostra a acção* do que quando a narra. Aqui está, porque leva rumo falso sacrificando a tecnica do seu primeiro capitulo—uma tecnica activa—à tecnica de quasi todos os outros—uma tecnica narrativa. De facto, os melhores episodios da *Cadeia Eterna* são aqueles em que Barros Ferreira nos pôs em frente dos actos dos seus heróis. Tão trepidante como o primeiro capitulo só aquele que se intitula *O Combate*. Ai é na cena da perseguição nocturna de um automovel que leva Margarida pelo automovel que leva José, bem como no episodio do desastre é que Barros Ferreira consegue mostrar-se romancista: os seus dons revelam-se ali.

Porquê? Sim: porque é que Barros Ferreira sabe mostrar os seus heróis e não sabe falar deles? Seria excessivamente longo desenvolver aqui tudo o que penso sobre este assunto. A verdade é que o romance pode muito bem ser—e é—muita vez—uma conciliação destas duas técnicas. O romancista ora narra ora descreve a acção. Mas há romances—sobretudo os romances americanos modernos—em que há apenas acção. Barros Ferreira deve voltar-se para este lado. Assim o penso, pelo menos. Para bem narrar é preciso bem escrever. Barros Ferreira não tem ainda nem estilo pessoal nem seguro: hesita, por enquanto, entre a precisão e a retórica. Em todo o caso está claramente inclinado para a precisão. Além disto, para narrar, é necessario que o romancista saiba discorrer sobre a psicologia humana: ao mesmo tempo que nos fala dos seus heróis tem de saber apreciá-los. Quando os heróis agem toda a sua psicologia está nos seus actos. Quando agiram já é preciso dizer como e porque agiram eles. E' por isto mesmo que o romance de aventuras é o contrario do romance de análise psicológica: Barros Ferreira tem mais imaginação para escrever romances de aventuras que romances de análise psicológica. Haja vista o combate aereo, o naufragio, a perseguição dos automoveis, o desastre de José. A verosimilhança do romance de Barros Ferreira é inatacavel quanto à acção; quanto à psicologia das personagens deixa a desejar. Se não é inverosimil, é infantil; não poucas vezes é convencional.

Eis também a razão por que a tese de Barros Ferreira não surge iluminada pela obra. E' uma tese discreta, sem duvida. Mas o romance compromete-a. Pelo menos não a põe em relevo. Barros Ferreira tem de recorrer a uma das personagens para no-la mostrar triunfante. Carlos, o rapazito que em tempos naufragara, enriqueceu no Brasil, teve filhos e vi-os morrer. E' ele quem diz melancolicamente aquilo que o romance devia dizer através da acção:

«A vida é assim, Luiza—dizia Carlos enquanto caminhavam.—Separa as almas, amputa-lhes os rebentos de felicidade que vão nascendo dos novos afectos. Se sonhamos um pouco mais do que nos é permitido, acordamos com um pesadelo. Se temos grandes aspirações, capazes de nos tornarem ditos, nega-lhes a realização. Reune debaixo do mesmo teto almas que não se compreendem e se repelem. Ilude-nos com anseios de uma ventura que não se pode encontrar neste mundo, e que nós teimamos em concretizar, dominados por essa febre de esperança, que é a ilusão».

Isto está, de facto, nas palavras de Carlos, mas está mais nas suas palavras que na sua vida. Entre outras razões, porque não tivemos tempo—não obstante as quasi trezentas páginas do livro—para entrar na intimidade autentica dos seus heróis. Barros Ferreira resumiu demasiado a vida deles, mostrando-nos-os de longe em longe, de anos a anos. Não ha maneira de estimarmos as pessoas que só encontramos de longe em longe na vida. Para sentirmos as dores dos heróis dos romances é necessario convivermos noite e dia com eles.

Em conclusão: Barros Ferreira deve voltar-se para o romance de acção e deixar o romance narrativo com pretensões psicológicas. Este meu conselho não vale nada: em todo o caso aí fica.

JOÃO GASPAR SIMÕES

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Vidas Intimas

ROMANCE

por EDGARD MARQUES

«Vidas Intimas», de Edgard Marques, é um romance vivo, de estilo saboroso e ardente, de flagrante realidade e de bem architectado entrecho. (Jornal do Comercio e das Colonias).

1 volume de 272 pags. 10\$00

Pedidos á Livraria Portugalia, 75, Rua do Carmo

A' venda em todas as livrarias